



**Faculdade de Ciências Jurídicas e de Ciências Sociais**

**Curso de Relações Internacionais**

**Núcleo de Pesquisa e Monografia**

**WARLEN SOARES FERREIRA**

**INTERCÂMBIO COMERCIAL ENTRE BRASIL E ÁFRICA DO SUL:  
UMA PERSPECTIVA BRASILEIRA**

**BRASÍLIA  
2006**

**WARLEN SOARES FERREIRA**

**INTERCÂMBIO COMERCIAL ENTRE BRASIL E ÁFRICA DO SUL:  
UMA PERSPECTIVA BRASILEIRA**

Dissertação apresentada para obtenção  
de graduação no curso de Relações  
Internacionais do Centro Universitário de  
Brasília (UNICEUB)  
Orientador: Alaor Silvio Cardoso

**Brasília  
2006**

**WARLEN SOARES FERREIRA**

**INTERCÂMBIO COMERCIAL ENTRE BRASIL E ÁFRICA DO SUL:  
UMA PERSPECTIVA BRASILEIRA**

Dissertação apresentada para obtenção  
de graduação no curso de Relações  
Internacionais do Centro Universitário de  
Brasília (UNICEUB)  
Orientador: Alaor Silvio Cardoso

Brasília, 28 de novembro de 2006

**Banca Examinadora**

---

Alaor Silvio Cardoso  
Orientador

---

Carlito Roberto Zanetti  
Examinador

---

Cláudio Ferreira da Silva  
Examinador

## Resumo

Em razão da presente conjuntura se torna imperioso analisar os dados e informações relacionadas ao comércio Sul-Sul, assim um exemplo interessante é o estudo sobre a relação entre a África do Sul e o Brasil. A África do Sul é um parceiro brasileiro com excelente potencial no continente africano. Desta maneira, esse trabalho visa explorar o intercâmbio comercial destes dois países, com a visão voltada à perspectiva brasileira, pontuando os aspectos semelhantes e discordantes, a fim de visualizar o crescimento progressivo dessa aproximação. Conjuntamente, um breve detalhamento histórico, político e cultural se faz necessário para entender de forma mais abrangente o referido tema. Além do mais, serão ressaltadas as relações entre os blocos econômicos dos dois continentes, em função da ampliação do contato existente entre os países líderes dos blocos, Brasil e África do Sul. Portanto o foco do trabalho é a compreensão do relacionamento e suas vantagens para o Brasil, além de destacar quais pontos incrementar e como consolidar as oportunidades.

Palavras-chave:

Brasil. África do Sul. Comércio Sul-Sul. Intercâmbio Comercial.

## **Abstract**

By cause of the present conjuncture it becomes imperious to analyze the data and informations related to the South-South trade, thus an interesting example is the study on the relation between South Africa and Brazil. South Africa is a brazilian partner with excellent potential at the african continent. In this way, this work aims to explore the commercial trade of these two countries, with the vision based at brazilian perspective, detaching the similar aspects and opponents, in order to visualize the gradual growth of this approach. Jointly, a brief detailing historical, cultural and politician are necessary to understand in a better way the related subject. In addition, the relations between the economic blocks of the two continents will be salient. Therefore the focus of the work is the understanding of the relationship and its advantages for Brazil, besides detaching which points to develop and how to consolidate the opportunities.

Key words:

Brazil. South Africa. South-South Trade. Commercial Trade.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACDC	Acordo de Comércio, Desenvolvimento e Cooperação
APEX-BRASIL	Agência de Promoção de Exportações e Investimentos
CNA	Congresso Nacional Africano
EXSA	Exhibition Association of Southern África
GEAR	Estratégia de Redistribuição e Crescimento de Empregos
IBAS	Foro de Diálogo Índia, Brasil e África do Sul
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
NP	Partido Nacional
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
RDP	Programa de Reconstrução e Desenvolvimento
SACU	União Aduaneira da África Austral
SADC	Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral
SAITEX	South African International Trade Exhibition
SATOUR	Conselho de Turismo da África do Sul

# Sumário

CARACTERIZAÇÃO .....	6
1 - REFERENCIAL TEÓRICO .....	10
2 - ÁFRICA DO SUL .....	16
2.1 - INFORMAÇÕES GERAIS .....	16
2.2 - PROBLEMÁTICA POLÍTICA E SOCIAL .....	17
2.3 - CORTE ECONÔMICO .....	26
3 - INTERCÂMBIO COMERCIAL ENTRE BRASIL E ÁFRICA DO SUL .....	32
4 - ACORDOS ENTRE BRASIL E ÁFRICA DO SUL .....	44
CONCLUSÃO .....	52
ANEXO I .....	57
ANEXO II .....	58
ANEXO III .....	59
BIBLIOGRAFIA .....	60

## Caracterização

O objetivo do trabalho é investigar o cenário que abrange as relações entre Brasil e África do Sul, mais especificamente o intercâmbio comercial relacionado a esses dois líderes, em seus respectivos continentes. A análise terá uma visão voltada à perspectiva brasileira, ou seja, como o Brasil entende essa sua relação com a África do Sul.

A escolha da África do Sul como parte neste trabalho é justificada pela falta de informações e dados sobre essa aproximação crescente do relacionamento com o Brasil. Ambos fazem parte do grupo dos principais países em desenvolvimento. Outro aspecto que levou a tal escolha é a grande quantidade de informações já existentes do Brasil com relação a China e com relação a Índia.

Assim sendo, a África do Sul é um parceiro com potencial, possuindo um produto interno bruto (PIB) crescente de US\$ 239,5 bilhões (2005), podendo ainda facilitar que o Brasil encontre espaço para atingir outros Estados, pois aquele possui excelentes conexões com todos os membros da África Austral<sup>1</sup>, a qual é formada pela Angola<sup>2</sup>, Botsuana, Lesoto, Madagáscar, Malui, Maurícia, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Zâmbia e Zimbábue, além da própria África do Sul. Excluindo a África do Sul o Brasil possui uma relação com esses outros países

---

<sup>1</sup> A África Austral é a parte sul de África, banhada pelo oceano Índico na sua costa oriental e pelo Atlântico na costa ocidental.

<sup>2</sup> Angola tem um potencial agrícola considerável, com o clima, solo e topografia adequados à agricultura moderna, em grande escala, para a produção de uma ampla variedade de culturas. O país possui um riquíssimo subsolo, com recursos minerais que incluem petróleo, diamantes e minérios de ouro e ferro. Para, além disso, tem importante potencial hidroelétrico, florestal e pesqueiro. Este país é o segundo maior parceiro do Brasil na região da África Austral, possuindo uma corrente de comércio, até julho de 2006, superior a US\$ 603 milhões.

que gera um saldo na balança comercial superior a US\$ 570 milhões, segundo dados de 2005. E dentre esses países da África Austral o único para qual o Brasil apresenta um déficit é o Zimbábue, tal déficit é de US\$ 10.610 milhões, dados de 2005. Desta maneira o estreitamento das relações com o país líder do continente africano pode gerar benefícios alternativos, como é o caso da melhora desse comércio com a África Austral.

Através do aproveitamento de suas forças e de suas vantagens comparativas, o Brasil pode ampliar sua atuação nesse comércio e ainda elevar a sua participação no comércio mundial. A criação de estratégias específicas, como a expansão das multinacionais brasileiras, e um conhecimento mais aprofundado do mercado alvo são essenciais para alargar e criar novas oportunidades de negócios, um exemplo disso é o desenvolvimento de um trabalho nas áreas de defesa, engenharia e energia, as quais são agora apontadas como de maior interesse. Outros setores que podem ser bem aproveitados e a África do Sul já apresentou interesse em adquirir, são: os setores de vinhos, vidros, cadeiras para deficientes, cosméticos, têxteis, talheres, artesanato, produtos químicos, filmes cinematográficos e automóveis.

A corrente de comércio<sup>3</sup> está atualmente, junho de 2006, atingindo um patamar superior a US\$ 850 milhões e o Brasil tem um saldo acima de US\$ 450 milhões. Tais números demonstram que a virtual capacidade de intercâmbio pode se tornar real e positiva para o crescimento da economia brasileira. Um outro aspecto do que esse comércio pode gerar é a atração e incremento dos investimentos estrangeiros diretos.

---

<sup>3</sup> Corrente de comércio (soma das exportações com as importações).

Juntamente com essa aproximação comercial há uma ampliação do contato em diversas áreas, tais como: de políticas, técnicas, de saúde, de tecnologia e de cultura. Destarte passa a existir uma integração e um contato muito maior entre esses países que não são parceiros naturais geográficos.

Além do mais começa a existir um maior estreitamento nas relações entre os blocos econômicos dos dois continentes, ou seja, passa a haver um entrosamento entre o Mercado Comum do Sul (Mercosul), a União Aduaneira da África Austral (SACU) e a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC).

Apresentando esse panorama cabe enfatizar a questão inerente do comércio Sul-Sul, a qual pode ser encarada como um desafio, já que para esta integração funcionar ambos países devem superar tanto obstáculos externos como internos. Ou seja, não se pode deixar de lado a existência de uma série de semelhanças negativas, aspectos esses que devem ser trabalhados e melhorados, alguns exemplos são: má distribuição de renda, de terras, desemprego, dívida externa, entre outros. Portanto é necessária a correção do ambiente interno, para que este possa influenciar positivamente no crescimento desses Estados, alcançando a estabilização necessária.

Aquele tipo de relação comercial tem sido tratada como uma via alternativa ao habitual comércio Sul-Norte, no entanto o Brasil não vê o comércio Sul-Sul como o caminho principal a ser adotado, mas sim, tem em seu

desenvolvimento um forte meio para diversificar as suas pautas de importações<sup>4</sup> e exportações<sup>5</sup>, para deste modo escoar a sua capacidade produtiva.

No atual estágio da relação está ocorrendo uma série de encontros entre as autoridades de ambos países e em razão desse aumento do fluxo existem uma gama de exemplos, ações implantadas, que corroboram a busca pelo estreitamento dos laços, um desses exemplos é o Foro de Diálogo Índia, Brasil e África do Sul (IBAS), que promove uma sinergia<sup>6</sup> entre os membros, os quais tem uma realidade análoga. Outro exemplo é o encontro realizado na Nigéria em 30 de novembro de 2006, isto é, a primeira Cúpula África-América do Sul, a qual é considerada, também, um passo importante para impulsionar a cooperação Sul-Sul.

“Enfim [...] urge tornar mais complexos os laços que nos unem a outras regiões econômicas, como a africana, diversificando o comércio para outros segmentos além dos tradicionais, e ampliando os investimentos diretos externos, inclusive como forma de atingir novos mercados.”<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> Importação: compra de produtos originários do exterior.

<sup>5</sup> Exportação: Venda de mercadorias (bens ou serviços) ao exterior. Embora apenas o valor das exportações de mercadorias – as chamadas exportações visíveis – seja registrado no Balanço Comercial, as exportações de serviços (frete, assistência técnica, seguros, juros, lucros, etc.) chamadas de exportações invisíveis, são registradas no balanço de serviços.

<sup>6</sup> Sinergia: do Gr. synergía, cooperação < sýn, juntamente + érgon, trabalho. Efeito resultante da ação de vários agentes que atuam da mesma forma, cujo valor é superior ao valor do conjunto desses agentes, se atuassem individualmente.

<sup>7</sup> <http://www.mre.gov.br/portugues/imprensa/artigos/valoreconomico200605.asp>

# Capítulo 1

## REFERENCIAL TEÓRICO

Nenhum país é auto-suficiente, principalmente em razão do alto custo desta atitude, deste modo há o comércio internacional, o qual tem uma importância fundamental, contribuindo na maioria dos países com uma grande parcela do PIB. Tal comércio apresenta influências na economia, na política e no campo social. E vem crescendo nos últimos séculos, em detrimento de um fator crucial, a globalização.

“Tomando os elementos listados nas convenções de Haia e Viena, podemos conceituar uma operação de compra e venda internacional como aquela que dois ou mais agentes econômicos sediados e/ou residentes em diferentes países negociam uma mercadoria que sofrerá um transporte internacional e cujo resultado financeiro sofrerá uma operação de câmbio”<sup>8</sup>

Durante a maior parte da história da humanidade esteve presente o comércio internacional, sendo este a primeira fonte da teoria econômica e da política econômica. A primeira linha política adotada foi o mercantilismo, no século XV, contudo foi mais um conjunto de políticas do que uma corrente teórica. Dentro dessa política econômica alguns pontos tiveram maior importância, sendo eles o entesouramento, o monopólio comercial, o fortalecimento da manufatura e a balança comercial. O entesouramento é entendido como o acúmulo de ouro e prata; o monopólio comercial é a imposição do monopólio ao comércio colonial; o fortalecimento da manufatura, em função do maior preço dos produtos

---

<sup>8</sup> Soares, Cláudio César. Introdução ao Comércio Exterior: Fundamentos Teóricos do Comércio Internacional / Cláudio Soares César – São Paulo : Saraiva, 2004.

manufaturados, ocorre com os subsídios; e é essencial a balança comercial ser positiva, existindo para isso o incentivo a diminuição das importações. No entanto o intuito primeiro era desenvolver uma política protecionista.

O primeiro modelo teórico, propriamente dito, foi o de Adam Smith (1723 - 1790) com a teoria da “Mão Invisível”. Uma força invisível controlaria e proveria a manutenção da sociedade, mesmo com a existência de fatores como a concorrência e o egoísmo.

Smith admite que a divisão do trabalho aumentou a produtividade e considera o trabalho humano como a única fonte de criação dos produtos, isto é, a produção é determinada pelo rendimento daquele trabalho. Assim, as nações produziram bens de qualidade e de maneira eficiente para que tais pudessem ser trocados por aqueles nos quais não têm vantagens em produzir.

A principal contribuição de Smith foi introduzida pelo conceito de vantagem absoluta. Nesta categoria cada um concentra-se em um nicho, se beneficiando com a especialização em determinados setores em que é mais eficiente, comercializando desta forma seus produtos com os demais. Esse foco em determinadas categorias de produtos é dado pela relação entre trabalho e tempo, ou seja, cada país escolhe o que irá fabricar analisando as diferenças existentes entre eles para se produzir, em horas, um mesmo bem.

No campo internacional o fator determinante é a divisão internacional do trabalho, assim cada país se especializaria em determinados produtos e com eles

desenvolveriam seu comércio com os outros. Mas para que essa teoria funcionasse adequadamente não era permitida a existência de interferências, deveria haver o *laissez-faire*. Tal expressão defendia a existência de um mercado livre nas trocas comerciais internacionais, sem impostos, pois desta maneira haveria maiores benefícios para as nações envolvidas, maiores do que a proteção da produção nacional face às importações de bens.

Já David Ricardo (1772 - 1823) enfoca nas vantagens comparativas, um importante conceito da teoria do comércio internacional. Neste modelo cada um se especifica naquilo que é mais eficiente em relação ao outro. Esta teoria explica porque o comércio entre dois países pode ser favorável, mesmo quando um deles é mais produtivo na fabricação de todos os bens. O que importa não é o custo absoluto da produção, mas a razão de produtividade que cada país possui.

E essa maior eficiência se baseia nas diferenças das dotações de fatores de produção naturais ou adquiridos, o que acaba levando a uma característica importante do modelo de Ricardo, o custo oportunidade. Tal aspecto diz respeito a quantidade de bens que um país deixa de produzir quando decide produzir outro, isto é, através disto há a decisão de quais poucos produtos serão produzidos.

Posteriormente surgiu um modelo mais complexo, Heckscher-Ohlin, o qual foi instituído como uma alternativa aos modelos anteriores, focalizando a dotação relativa de fatores.

“A origem da teoria é um artigo publicado em sueco por Eli Heckscher, em 1919, e que só seria traduzida para o inglês em 1949. A divulgação de suas idéias começou a ocorrer após a tradução para o inglês na tese de doutorado do seu discípulo Bertil Ohlin, em 1993, por essa razão, o modelo ficou conhecido como teorema de Heckscher-Ohlin.”<sup>9</sup>

No modelo de Heckscher-Ohlin há dois fatores de produção: o capital, (máquinas e equipamentos) e o trabalho. A fabricação de determinado produto é pautada pela relação entre ambos. Desta maneira passa a existir diferentes quantidades de cada tipo de produto entre os países e o comércio ocorre em razão das diferenças nas dotações dos fatores de produção, gerando com isso vantagens relativas.

“Heckscher e Ohlin (1935) vão sustentar, todavia, que o comércio internacional constitui substituto à mobilidade de fatores, podendo, dadas certas condições, determinar a equalização do preço dos insumos, tanto em termos absolutos quanto relativos... a contribuição central de Heckscher, que Ohlin desenvolveu em seguida, consiste em explicar a troca internacional com base na abundância ou na escassez relativa dos vários fatores de produção de que são dotados os países”<sup>10</sup>

No presente estágio teórico há outros dois modelos que tentam explicar uma parte do universo econômico, são os modelos de Staffan Linder e Raymond Vernon.

Para Linder (1931 - 2000) o comércio exterior é uma extensão das atividades econômicas desenvolvidas no interior do país. Seu raciocínio é baseado na demanda doméstica e como esta ação vai incentivar os empresários na ampliação do comércio. Os empresários, após atenderem essa demanda, vão estender suas ações para fora das fronteiras nacionais, assim a ação empresarial

---

<sup>9</sup> Silva, César R Leita da; Carvalho, Maria Auxiliadora de. Economia Internacional. 2ª ed. São Paulo : Saraiva, 2002. p.25.

<sup>10</sup> Silvio, Mozart Foschete da. Relações Econômicas Internacionais / Mozart Foschete. São Paulo : Aduaneiras, 1999. p.7.

antecede o comércio exterior. O estímulo às atividades dos empresários nacionais é o centro dessa corrente teórica.

Já Vernon (1913 - 1998) correlacionou os fluxos de comércio e os investimentos internacionais ao ciclo dos produtos. Com isso demonstra que as inovações tecnológicas são o estímulo necessário às exportações. Desta maneira, mesmo essas inovações tendo absorção interna esgotada ou insuficiente a existência dos mercados externos alavancariam o comércio, no caso, exportações. Nesta vertente teórica a inovação tecnológica é a mola mestra do desenvolvimento do comércio exterior.

O intercâmbio comercial com a África do Sul, o Brasil leva em consideração para sua relação, principalmente, os produtos nos quais tem vantagens relativas em comparação a própria África do Sul e, também, aos outros parceiros comerciais daquele país.

Por meio de uma estratégia centralizada na penetração ativa no mercado sul-africano há o incentivo ao empresariado nacional em manter contato com o governo e os empresários de lá, de tal modo, expandindo o rol de oportunidades entre ambos.

Concomitantemente busca a elevação desse intercâmbio com os sul-africanos, por meio de inovações tecnológicas em produtos já comercializados e em produtos com potencial para negociações.

Outro ponto nessa estratégia de aproximação é a integração econômica, a qual só se realiza por meio da iniciativa do próprio Estado. Assim Brasil e África do Sul utilizam medidas para diminuir os obstáculos de troca e medidas para aumentar investimentos, fluxos de capitais e o movimento de fatores entre eles. Essa ação é resultante da conciliação dos interesses econômicos, formalizada por meio de acordos internacionais.

Uma classificação com os modelos que podem surgir no decorrer de uma integração econômica é proposto por Bela Balassa, o qual distingue cinco: zona de livre comércio, união aduaneira, mercado comum, união econômica e integração econômica total.

“Uma zona de livre comércio parte da abolição de direitos aduaneiros, de restrições quantitativas de mercadorias entre os países participantes e de uma política exterior própria... A união aduaneira pode ser entendida como uma zona de livre comércio em que os Estados negociam uma pauta externa comum... o mercado comum é uma forma mais elevada de integração econômica em relação às demais, pois visa à abolição das restrições comerciais e dos entraves aos livres movimentos de fatores produtivos. A união econômica, por sua vez, é vista como um mercado fundado em uma política econômica comum, voltada para a formação de um espaço com maior coesão econômica e política... a integração econômica total é apresentada como a reunião de todos os fatores dos modelos anteriores, aliados à unificação das políticas monetárias, fiscais, sociais, bem como ao estabelecimento de instituições supranacionais, cujas decisões são vinculantes a todos os Estados membros.”<sup>11</sup>

Cada vez mais a tendência mundial está em direção a integração, existindo exemplos de todos os estágios, assim Brasil e África do Sul buscam nesta reforçar e ampliar seus relacionamentos, atingindo mais pontos de suas características comuns.

---

<sup>11</sup> MORE, Rodrigo Fernandes. Integração econômica internacional . Jus Navigandi, Teresina, ano 6, n. 59, out. 2002. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=3307>>. Acesso em: 06 dez. 2006.

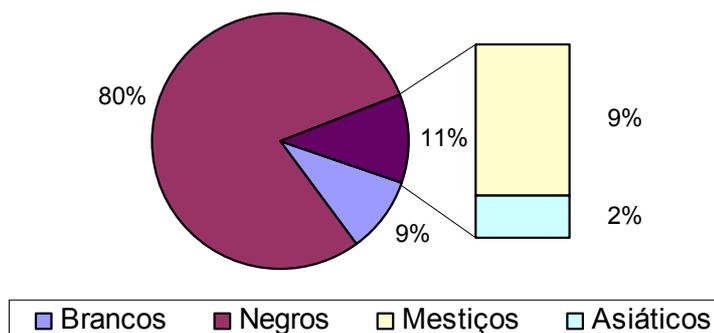
## Capítulo 2

### ÁFRICA DO SUL

#### 2.1 – Informações Gerais

A África do Sul é um país localizado no continente africano, possuindo uma área total de 1.219.090 km<sup>2</sup>, dividida internamente em nove províncias cada uma com a sua devida administração (legislatura, primeiro-ministro e ministros próprios). É conhecida como a "nação arco-íris", pela diversidade de raças presentes em seu território, totalizando, em 2005, 44.344.136 milhões de habitantes possuindo a seguinte distribuição: negros (grupos étnicos: Zulu, Sotho, Tswana, Xhosa, Tsonga, Swazi, Venda, Ndebele) com 79,5%, brancos (comunidade europeia, principalmente holandeses e ingleses) com 9,2%, mestiços (coloridos) com 8,9% e asiáticos (chineses, indianos) com 2,4%. Outro sinal deste país é a presença de 11 línguas oficiais, mais um aspecto da variedade de etnias.

**Distribuição da População**  
(2006)



Fonte: Statistics South África - Mid-year population estimates, South Africa: 2006

Apresenta um relacionamento mais próximo com os países da África Austral, mostrando assim, a integração que a África do Sul busca intensificar. Desempenha um papel central neste continente, por possuir a maior economia do mesmo e a maior diversidade de parceiros em suas relações internacionais, isto faz com que exerça influência e sirva como ponto de referência, atrativo, para toda região. Um ponto a se destacar é que este país possui quase 50% da produção industrial do continente.

Buscando melhor compreender a África do Sul de hoje devemos analisar o que foi ontem, assim cabe apresentar alguns fatores históricos que contribuíram para formação, definição, do país como se encontra atualmente. Será mostrado nos próximos parágrafos o conteúdo originário desta nação em desenvolvimento.

## **2.2 – Problemática Política e Social**

Anteriormente ao século XIX a África do Sul era um país agropecuário, porém a partir desta data a riqueza mineral passou a ter um papel de destaque, influenciando até mesmo a evolução no setor manufatureiro e industrial, os quais após alguns anos tomaram papel de destaque.

Todavia, um ponto chave deve ser observado no que tange o processo histórico e econômico, que é a questão do apartheid, isto é, quais influências teve e tem na vida do povo.

“...a África do Sul, é antes de tudo, o país do apartheid. Esse sistema institucional de segregação racial a singulariza e diferencia, condicionando a sua evolução política...”<sup>12</sup>

A termo apartheid é uma palavra africânder<sup>13</sup> e significa desenvolvimento separado, foi adotada na África do Sul para assinalar um regime segundo o qual os brancos possuíam o poder e o restante era obrigado a viver separadamente, de acordo com regras que os impediam de ser reais cidadãos sul-africanos. O Estado, através de todas as suas atividades, exercia um papel visando enraizar essa separação, levando assim a exclusão, dos não brancos, para locais afastados do centro.

Esta política de segregação racial começou verdadeiramente a partir de 1911, quando a minoria branca, formada por africânderes e descendentes de britânicos, proclama um rol de normas que materializam seu poder sobre a população majoritariamente negra. Porém, a oficialização do apartheid vem em 1948 quando o Partido Nacional (NP) chega ao poder, e nele permanecendo por mais de quarenta anos. A partir deste momento a política foi desenvolvida por meio da introdução de leis e regulamentos no sistema jurídico, tais atos atingiram fortemente o cotidiano da população e com a sua evolução, aqueles se tornaram mais excludentes e complexos. Alguns exemplos dessas leis e regulamentos se fazem necessários para melhor ilustrar o contínuo esforço do Estado pela separação racial, tais como: em 1950 houve a lei de registro da população (sistema racial e lingüístico); também em 1950 foi votada a lei das áreas de grupo, ou seja, o não acesso as cidades brancas, sendo emendada em 1966; em 1971 ocorreu a lei de

---

<sup>12</sup> Magnoli, Demetrio. África do Sul: Capitalismo e apartheid / Demétrio Magnoli. 4ª Ed. – São Paulo: Contexto, 1998. (Repensando a Geografia). p.12.

<sup>13</sup> Foi originalmente o dialeto surgido na região do Cabo da Boa Esperança na África do Sul como resultado da interação entre os colonos calvinistas europeus chamados africânderes e a força de trabalho não-européia trazida à região pela Companhia Holandesa das Índias Orientais.

constituição das pátrias banto, ocasionando com isso a criação de estados étnicos nas terras reservadas para os africanos; além desses, existiu a proibição do casamento misto, atuação separada nos serviços públicos, dentre muitos outros exemplos. “Todo o esforço do apartheid foi dirigido para identificar, ressaltar e aprofundar as distinções culturais e, simultaneamente, negar ou aprofundar a origem comum dos bantos da África do Sul”<sup>14</sup>

Concomitantemente a elaboração de tais normas havia no seio da sociedade sul-africana o crescimento de um sentimento nacionalista contra a ação dos criadores de novas etnias e nações. Tal oposição ao apartheid começa tomar dimensões mais organizadas na década de 50, quando o Congresso Nacional Africano (CNA), uma organização negra criada em 1912, dissemina uma campanha visando a desobediência civil. Em 26 de junho de 1955, como uma forma de expressão do nacionalismo crescente, os líderes do CNA e mais de 3.000 pessoas se reuniram em Kliptown para discutir e acabaram por redigir a Carta da Liberdade, “The Freedom Charter”, apresentando a vontade de se tornar uma nação igualmente tratada e mostrando que o respeito à diversidade, a pluralidade é a base de qualquer Estado.

No primeiro parágrafo da carta há sua essência: “We, the people of South Africa, declare for all our country and the world to know: that South Africa belongs to all who live in it, black and white, and that no government can justly claim authority it is based on the will of the people.”<sup>15</sup>

Com essas iniciativas o CNA começa ser observado com mais atenção pelo NP. Um fato que mostrou a forte retaliação contra os atos incitados pelo CNA

---

<sup>14</sup> Op. Cit. p. 45.

<sup>15</sup> O texto original pode ser lido no site <http://www.anc.org.za/ancdocs/history/charter.html>.

foi o massacre de Sharpeville, no qual a polícia assassinou 67 negros que protestavam contra a situação imposta pelos dominantes. Deste momento em diante e como consequência aos constantes protestos o CNA é declarado como ilegal e seus líderes perseguidos. Em 1962 o seu principal líder, Nelson Mandela, é preso e condenado à prisão perpétua, ação que exemplifica as ameaças declaradas ao CNA e seus líderes. Nesse ponto cabe fazer um breve comentário sobre as figuras centrais do CNA, Nelson Mandela e Oliver Reginald Tambo.

Nelson Rolihlahla Mandela em sua formação é advogado, mas ficou mundialmente conhecido por ser o principal representante do povo sul-africano na luta contra o apartheid, fato que lhe fazia ser visto pelo governo da África do Sul como uma ameaça. Mesmo enquanto preso, em 1962, não deixou de incentivar o movimento anti-repressão. Após sua saída da prisão conseguiu, em 1993, receber junto a Frederick de Klerk, o prêmio Nobel da paz, em decorrência de seu trabalho e constante atuação na luta contra o regime repressivo. Mandela foi presidente de 1994 a 1999 e enquanto desempenhou este cargo deu continuidade, de forma mais forte, a luta para por fim aos preconceitos e as diferenças geradas pelo apartheid. Ao deixar a presidência, Mandela voltou-se para a causa de diversas organizações sociais e outras relacionadas aos direitos humanos, com isso manteve-se sempre na luta pelo progresso do país.

Já o outro grande representante do movimento anti-apartheid foi Oliver Reginald Tambo, o qual foi um personagem fundamental no CNA. Uma de suas principais atuações foi com relação a sua ida rumo ao estrangeiro para sensibilizar a opinião pública mundial contra o regime segregacionista vigente em seu país.

Contudo, apesar de sua grande atuação contra a diferenciação, não conseguiu presenciar o fim oficial do apartheid, pois morreu em razão de um ataque cardíaco em 1993. Depois de ter aberto esse parêntese e apresentar dois grandes símbolos dessa luta, a exposição dos fatos históricos se seguiram.

Esta segregação racial começa a se agravar ainda mais nos governos dos primeiros-ministros Hendrik Verwoerd, 1958 a 1966, e B.J. Voster, 1966 a 1978, através de uma série de leis que separa os negros em grupos étnicos e lingüísticos, culminando, como já citado, na lei de 1971 da constituição das pátrias bantos. Contudo, o domínio branco começa a ter problemas para se sustentar, pois se iniciam as descolonizações no continente africano, em 1975, então em razão das conjunturas apresentadas nos países vizinhos o controle dos brancos na África do Sul também a entra em crise. Aproveitando-se desta situação a população, em 1984, organiza mais revoltas contra o apartheid, atitude esta que leva o governo a declarar a lei marcial, porém tal ação gerou efeitos externos, levando a sociedade internacional a reagir. O resultado foi a declaração, por parte da Organização das Nações Unidas (ONU), de sanções a África do Sul, como uma maneira de pressionar pelo fim do regime segregacionista.

Não obstante, a situação de separação presente no país começa a ter uma direção rumo ao seu término, sendo colocada em xeque. No mundo cresce o movimento pela libertação de Nelson Mandela e no país assume, em 1989, o presidente Frederick de Klerk. Em 1990, ocorre a libertação de Nelson Mandela e com isso o CNA adquire sua legitimidade novamente. Começa a existir um diálogo entre o presidente e o CNA, após esse ter revogado as leis raciais. Em um plebiscito

realizado em 1992, só para brancos, 69% decidiram pelo fim do apartheid. Não se pode deixar de apontar que no meio dessas discussões, em vários locais do país estava ocorrendo uma série de conflitos sangrentos, pois continuava a haver resistência de todos os lados. Esses eventos iniciam várias mudanças e impulsionam o avanço de reformas direcionadas ao fim do sistema segregacionista.

Em 1994, mesmo sofrendo uma série de pressões, Frederick De Klerk convoca as primeiras eleições multirraciais, visando um governo de transição. No mesmo ano, em abril, Mandela é eleito presidente pelo CNA, alcançando 62,6% dos votos, apoderando-se da maioria das cadeiras da Assembléia Nacional, isto é, 252 das 400 cadeiras. O CNA uniu-se ao NP e formou um governo de unidade nacional. A união permitiu o primeiro governo multirracial do país. Deste modo, a política do apartheid teve seu fim oficial em 1994. Em junho de 1996 ocorre ampla alteração na equipe, onde todos os ministros do NP são substituídos por membros do CNA em consequência Frederick De Klerk sai do governo. Após uma série de melhorias Mandela anuncia que não será candidato à reeleição em 1999 e lança Mbeki para lhe substituir na presidência.

Desta maneira, a política segregacionista foi finalizada, todavia ainda continua até hoje, a presença de traços dessa política enraizados na África do Sul. Além disso, o nível de desenvolvimento foi restringido, em função dos direcionamentos dados as políticas da época. Assim há necessidade de se transpor esses aspectos remanescentes, sendo isto um impeditivo ao pleno desenvolvimento do atual país.

Durante este regime segregacionista o país se viu isolado e, como consequência, sua economia estava em crise. Houve um crescimento inferior a 1% na década anterior ao fim do apartheid, sendo o débito público outro aspecto que prejudicava o desenvolvimento. As medidas de sanções impostas geraram reflexos em todas as áreas, tais medidas afetaram a exportação e a importação, provocaram a saída das grandes empresas estrangeiras do país e até mesmo o turismo foi afetado pelas medidas restritivas.

Sendo notória a necessidade de desenvolvimento para acabar de vez com os aspectos deixados pelo apartheid, em 1994, iniciativas e aplicações de intensivas políticas econômicas tem como objetivo alterar a economia em crise. Todavia as modificações ainda precisam ser bastante trabalhadas para atender toda população.

A primeira dessas políticas econômicas foi o Programa de Reconstrução e Desenvolvimento (RDP) uma ferramenta utilizada pelo Governo para romper as relações sociais do apartheid e estabelecer uma sociedade democrática com igualdade, sem preconceito racial e sem de discriminação sexual. Buscando de tal maneira melhorar a qualidade de vida de todas as pessoas. O RDP tem por objetivo: o atendimento das necessidades básicas; a construção da economia; a democratização do estado e da sociedade; o desenvolvimento de recursos humanos, e a construção da nação.

Como seqüência desta ação inicial, o governo passou a liberar mais verbas para serem utilizadas nos setores sociais, a dívida do setor público se retraiu

e o déficit orçamentário caiu sensivelmente, desde 1993, assim sendo, o país passou a apresentar um crescimento, quase que sucessivo, a partir de 1994. O governo tinha a expectativa de crescer em média 4,5% ao ano, fato que não aconteceu.

E lançou um outro programa, em junho de 1996, o qual dá fundamento a busca pelo governo de equilibrar o campo social, com a geração de empregos, o qual tem crescido, desde 1995, porém ainda não sendo suficiente para atender a necessidade da população, pois mesmo com o crescimento dos postos de trabalho houve também o aumento do número de desempregados. Um dos fatores que ocasiona tal situação é a falta de trabalhadores qualificados em diversos setores, de tal modo muitos trabalhadores sem qualificação ficam desempregados. Tal programa é o de Estratégia de Redistribuição e Crescimento de Empregos (GEAR, sigla em inglês), com a finalidade de criar uma economia crescente e de geração de empregos, remanejando os recursos e as oportunidades para os pobres, facilitando o acesso à saúde, à educação e à moradia. Os pilares do GEAR são: reforma fiscal, com a reforma dos impostos, contenção dos gastos, busca de um menor déficit e uma menor inflação; reformas industriais e comerciais com incentivos e menores tarifas; aceleração da privatização; aumentar os investimentos em infra-estrutura e desenvolver o mercado de trabalho.

Contudo a política do GEAR não vem produzindo crescimento, emprego ou distribuição de renda esperada. Mesmo entendido em seu início como um meio para libertação da pobreza, com o tempo a nova elite dominante da África do Sul passou a notar o grande custo dessa ação social, assim no atual estágio o

GEAR passou a ter um foco fortemente neoliberal (desregulação; privatização; liberalização; limitações dos déficits público, principalmente com cortes nos gastos sociais). Uma das razões que fez o programa não produzir os efeitos esperados foi a taxa de crescimento do país, a qual não foi alcançada. Deste modo a busca por essa ordem econômica neoliberal torna a eliminação das relações econômicas e sócias do passado mais difícil de acontecer.

Mesmo com essa modificação de direção do GEAR, alguns de seus pilares vão tendo ainda certo desenvolvimento, como é o caso da reforma industrial. Outros pontos de reestruturação são: as telecomunicações, energia, defesa e transporte. E até mesmo o turismo, que foi prejudicado pelas sanções.

Há também a expansão e diversificação dos mercados comerciais, através de negociações bilaterais e multilaterais e a expansão das relações com a América do Sul, Ásia e África. A África do Sul não deixa de lado a integração regional, por meio de sua intensa participação nos blocos regionais existentes na África. Tal atuação tem um papel destacado na transformação do próprio país e também com relação a transformação do continente africano como um todo. Os esforços são para promover um ambiente comercial internacional que favoreça o desenvolvimento, melhorando a balança comercial e ocasionando uma transformação para maiores exportações de valor agregado.

“As políticas baseiam-se nos seguintes pilares: restauração da indústria e aumento de competitividade, investimentos volumosos em educação e treinamento, ampliação dos investimentos em infra-estrutura habitacional, econômica e prevenção nacional do crime”<sup>16</sup>

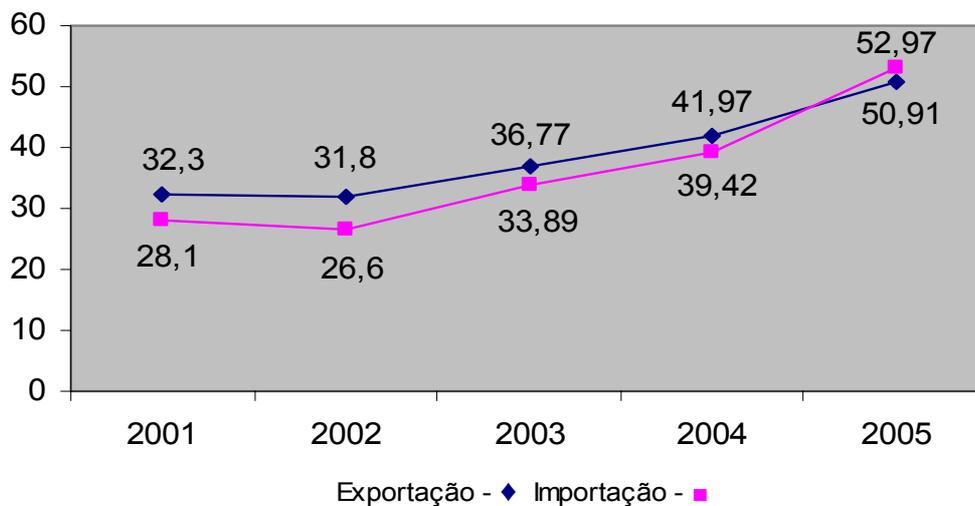
---

<sup>16</sup> Comércio Exterior Informe BB – Mai/Jun 2003. nº 47. p.9

### 2.3 – Corte Econômico

O comércio, um ponto central das políticas, passou por evoluções e agora tem uma participação ainda mais importante no PIB, contribuindo com quase metade. Para fazer com que o potencial econômico e industrial tenha uma evolução mais significativa o governo procura o fim do protecionismo, liberar o comércio e promover as exportações. No entanto, o peso na balança comercial está tendendo ao negativo em razão do incremento das importações.

#### Importações x Exportações (em US\$ Bilhões - F.O.B.)



Fonte: CIA World Factbook

Existe a busca de diversificação nas atividades da África do Sul, mas a indústria de mineração continua como um dos principais setores da economia, com uma participação de um terço, 1/3, do PIB. Esse setor gera tanto empregos diretos quanto indiretos. O país é um dos maiores produtores mundiais de ouro, cromo, diamantes, manganês, platina e vanádio, sendo o ouro o minério que gera mais

lucro e tem mais peso no PIB. Contudo, a participação desse setor vem decaindo em razão do decréscimo, quase que constante, nos preços de todos minérios no mercado internacional.

Outro setor antigo e que permanece com um peso considerável, apesar de sua contribuição no PIB vir em decadência, é a agricultura, o qual junto a silvicultura, contribui com menos de 10%. Os principais produtos da África do Sul são: milho, trigo, açúcar, batata, tabaco e frutas (incluindo a uva, que sustenta uma indústria de vinho em crescimento). Destes, o milho é o que proporciona substanciais ganhos de exportações. Um dos problemas é em relação às condições climáticas, pois tais culturas centrais são regadas pela chuva e não por irrigação artificial, a qual ocasiona uma grande flutuação dos ganhos no setor agrícola.

Um exemplo da busca da diversidade é o turismo que começa a se recuperar, após os anos de sanção. No atual estágio existem rotas de turismo popular, a qual vem garantindo mais estabilidade no país, pela atração de um número cada vez maior de turistas e além dessa atração de recursos, tal setor acaba por gerar e se tornar um setor propício para criação de postos de trabalho. “Prevê-se que, até o ano 2010, quase 1,25 milhões de pessoas estejam trabalhando no setor”<sup>17</sup>. Essa maior atração é ocasionada por uma campanha cada vez mais forte do Conselho de Turismo da África do Sul (SATOUR) e constante apoio do governo.

Já o setor manufatureiro, o qual encontra-se em evolução desde a descoberta da mineração, vem sendo o maior contribuinte para o PIB. O setor é

---

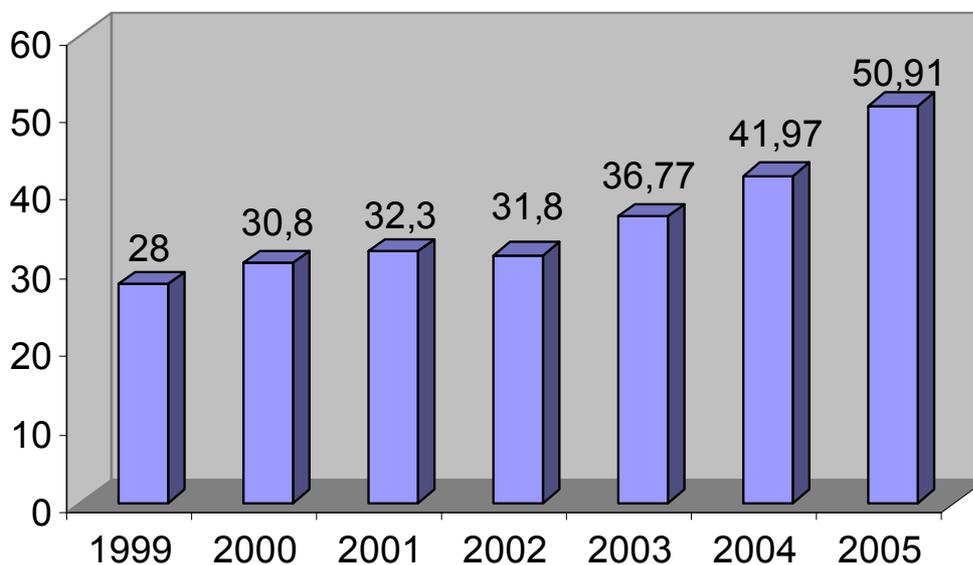
<sup>17</sup> Como Exportar. Ministério das Relações Exteriores / Departamento de Promoção Comercial / Divisão de Informação Comercial Brasília, 2000. p.19.

diversificado e abrange os setores da indústria pesada intensiva, química pesada e o beneficiamento mineral, e das indústrias de bens de consumo. O seu crescimento nos últimos anos se deu por taxa de câmbio mais favoráveis, por um melhor e maior produtividade e pelo estabelecimento de estratégias mais direcionadas ao comércio exterior.

Assim, alguns setores têm se mantido e outros vem em evolução, este fato mostra o empenho do país em tornar-se competitivo no cenário internacional, mas para que isso venha a acontecer da maneira almejada pelos governantes muito ainda tem a se desenvolver. E essa melhora não deve ficar apenas no campo interno, um exemplo disso é a participação mais que ativa do comércio exterior no PIB, com cerca de 50%.

As exportações vêm num aumento, quase progressivo, desde 1999, sendo fundamental as exportações ligadas aos setores de mineração e, em menor grau, agrícola e industrial, sobretudo aos subsetores que se beneficiam de eletricidade a baixo custo. O país tem buscado ampliar a exportação de produtos com valor agregado, com o objetivo de equilibrar os efeitos da seca cíclica e o declínio da produção e preço do ouro. Já as importações são principalmente industriais, representando os bens de capital e insumos industriais cerca de 80% do total. No entanto, minérios e metais especiais, maquinaria, equipamento de transporte e produtos químicos são de modo similar campos importantes.

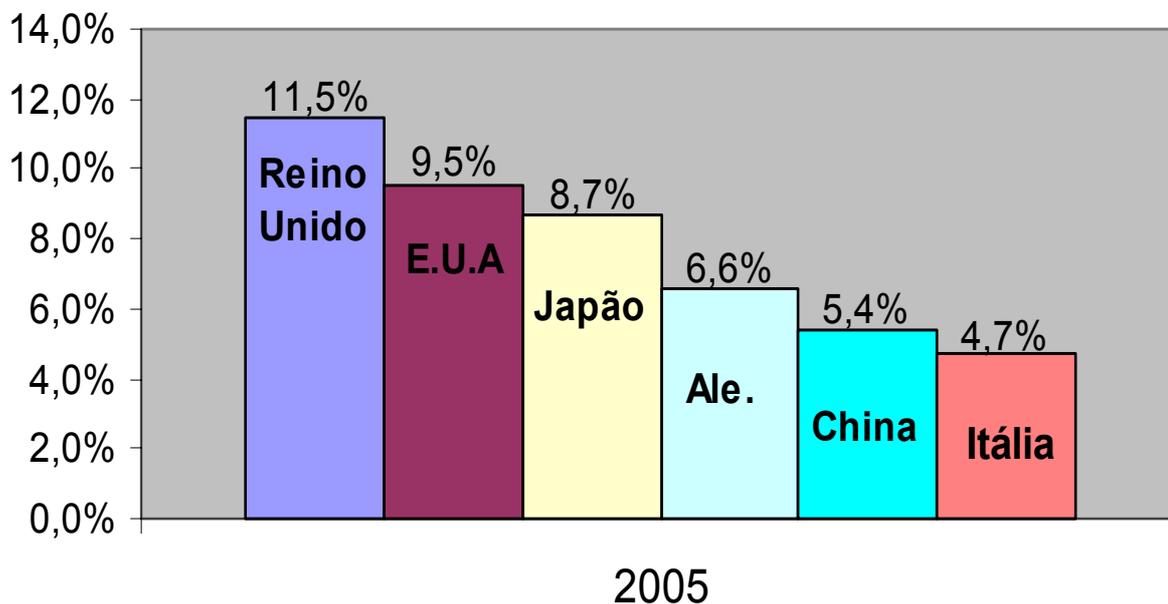
### **Evolução das Exportações** (em US\$ bilhões - F.O.B.)



Fonte: CIA World Factbook

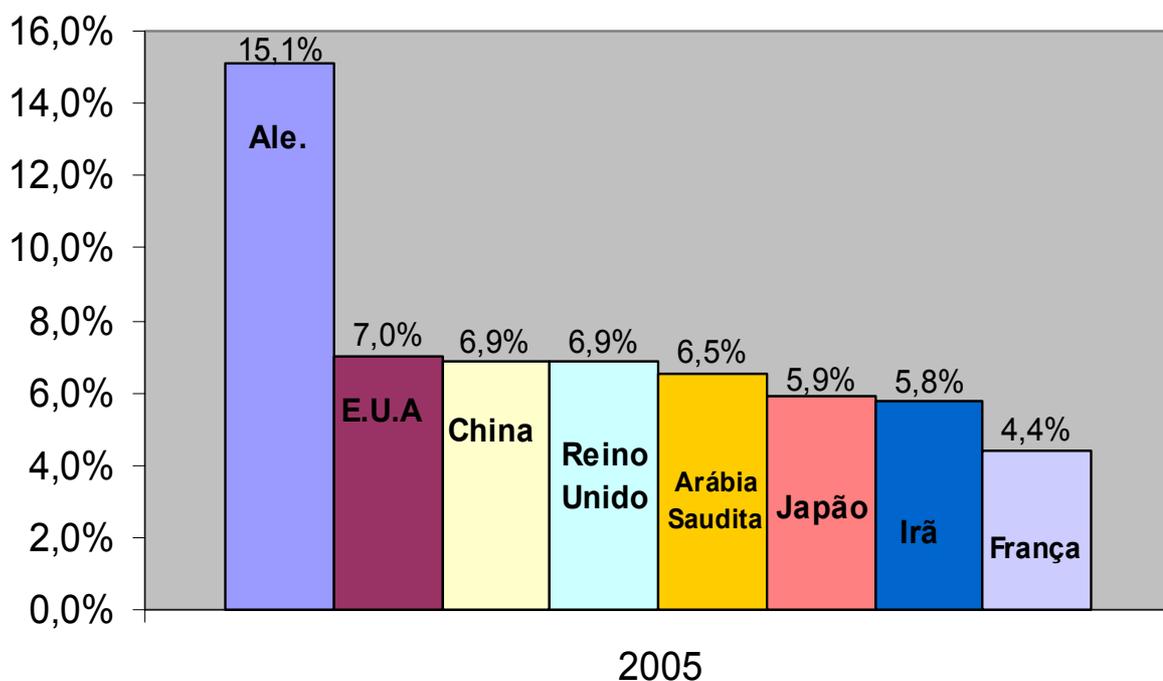
Para tal evolução do comércio exterior a África do Sul vem tentando ampliar seus contatos mundiais, assim sendo, os principais parceiros comerciais, atualmente, são: o Reino Unido, os Estados Unidos, a Alemanha, a China, a Itália, a Arábia Saudita, o Irã e a França. Os demais parceiros comerciais estão espalhados por toda a Europa, Extremo Oriente, Américas e África.

## Parceiros - Exportação



Fonte: CIA World Factbook

## Parceiros - Importação



Fonte: CIA World Factbook

Outro aspecto da atuação internacional é o governo estar atuando, desde 2001, mais intensamente e de forma marcante para sustentar o país e a África na agenda do G8<sup>18</sup> e cooperando com instituições financeiras internacionais para promover um sistema financeiro global que favoreça mais os países em desenvolvimento.

Para continuar rumo ao objetivo central, isto é, promover as reformas necessárias internamente e romper de vez o isolamento, inserindo a África do Sul no cenário internacional é preciso uma intervenção forte para reforçar a consolidação da democracia com mais medidas rumo a integração de toda sociedade em uma economia mundial crescente.

---

<sup>18</sup> O Grupo dos Oito, mais conhecido como G8, é um grupo internacional que reúne os sete países mais industrializados e desenvolvidos economicamente do mundo, mais a Rússia.

## Capítulo 3

### INTERCÂMBIO COMERCIAL ENTRE BRASIL E ÁFRICA DO SUL

Para entender qualquer relação comercial não se pode deixar de lado as características de cada época, cada período e ponderar como isto influenciou a conduta política, deste modo numa breve análise histórica é possível constatar que as relações entre o Brasil e a África do Sul já passaram por diversas épocas, de crescimento e declínio. Nos anos 70 a expansão das políticas comerciais brasileiras foi provocada pela estratégia governamental de substituição de importação, melhor dizendo, foi um efeito dessa estratégia, ou seja, tratava-se da procura de novos mercados para absorver a quantidade de bens, não consumidos internamente nem exportados aos parceiros da época, gerados em decorrência dessa política.

Já na década de 80, mesmo sendo considerada a década perdida, foi um período de crescimento dessa relação, em razão de maior incentivo do governo a atividades de fomento à exportação. Contudo, na década seguinte à situação regrediu, pois as políticas adotadas privilegiaram o fortalecimento das relações com os parceiros tradicionais, isto é, apostava-se nas relações norte-sul<sup>19</sup>. Esta década apresentou um declínio acentuado do saldo comercial, tornando este desfavorável ao Brasil, entretanto no último ano da década de 90, 1999, o valor do saldo comercial voltou a ser positivo, US\$ 64.865 milhões.

---

<sup>19</sup> [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X20030003000006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X20030003000006&script=sci_arttext)

Essa reordenação do saldo comercial em favor do Brasil foi iniciada no ano de 1997, pois neste ano houve uma visita do ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso a África do Sul com a finalidade de determinar as prioridades no continente africano.

“A visita do presidente Fernando Henrique Cardoso à África do Sul, vista contra o quadro de visitas bilaterais, será essencial no processo de intensificação das relações, e poderia ser um catalisador na consolidação de laços entre os dois países.”<sup>20</sup>

E a partir daí começou uma série de diálogos visando negociações em torno de acordos comerciais e de cooperação entre as partes. No atual momento, a política adotada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva visa intensificar a relação, uma forma do Brasil adquirir novas perspectivas para suas relações geopolíticas e econômicas. Aqui se torna cogente apresentar dados que comprovem os efeitos positivos dessa linha de raciocínio, por exemplo, entre 1998 e 2004 o Brasil, que apresentava um pequeno déficit com a África do Sul, passou para um superávit de cerca de US\$ 800 milhões em 2004; já a corrente comercial atingiu seu recorde em 2005 quando alcançou um valor superior a US\$ 1,7 bilhão.

A política é para desenvolver e estudar trabalhos pautando o comércio Sul-Sul. O governo busca utilizar uma posição forte para inserir empresas brasileiras naquele país, além de buscar alianças com o objetivo de ampliar a pauta. O importante é expandir o mercado consumidor dos produtos brasileiros e o mercado sul-africano demonstra um potencial crescente para ser um dos principais alvos,

---

<sup>20</sup> Brasil e África do Sul: Riscos e Oportunidades no Tumulto da Globalização. Samuel Pinheiro Guimarães (org.) Brasília: CNPQ, 2003. p.283

dentro do continente africano. Contudo, a importância da África do Sul no comércio brasileiro ainda é pequena, apesar do crescimento observado nos últimos anos. (Ver Anexo I)

Com esse contato o Brasil busca um tipo de complementaridade capaz de realizar um maior intercâmbio comercial e produtivo, além de com isso obter mais parceiros de peso para seu comércio exterior. Para isso “não pode depender de simples acordos preferenciais ou geopolíticos, por mais estratégicos que sejam. Neste contexto, as parcerias produtivas e acordos setoriais mostram-se vitais, definindo nichos de complementaridade entre os dois países e contando com o apoio do empresariado nacional de ambos os lados”<sup>21</sup>

Desta maneira cabe ressaltar a presença de novas empresas nesse comércio. Pode-se destacar um aumento de 8,4%, ou seja, 126 novas, em comparação a 2004, totalizando no ano de 2005 com 1.626 empresas exportadoras, mantendo contato e realizando operações comerciais com tal país. Até mesmo as empresas importadoras aumentaram, neste período, em 2,6%, isto é, 15 novas empresas surgiram contribuindo para o aumento da corrente de comércio.

Neste ponto é interessante destacar um elemento que, apoiado pelo governo e pela iniciativa privada, favoreceu o aprofundamento deste comércio. Este elemento é a Câmara de Comércio Brasil-África do Sul criada em 1991, a qual incentivou um aumento do comércio brasileiro com o mercado sul-africano. Essa contribuição foi um fator importante para as relações e também para uma ampliação da cooperação entre os órgãos de representação dos dois países.

---

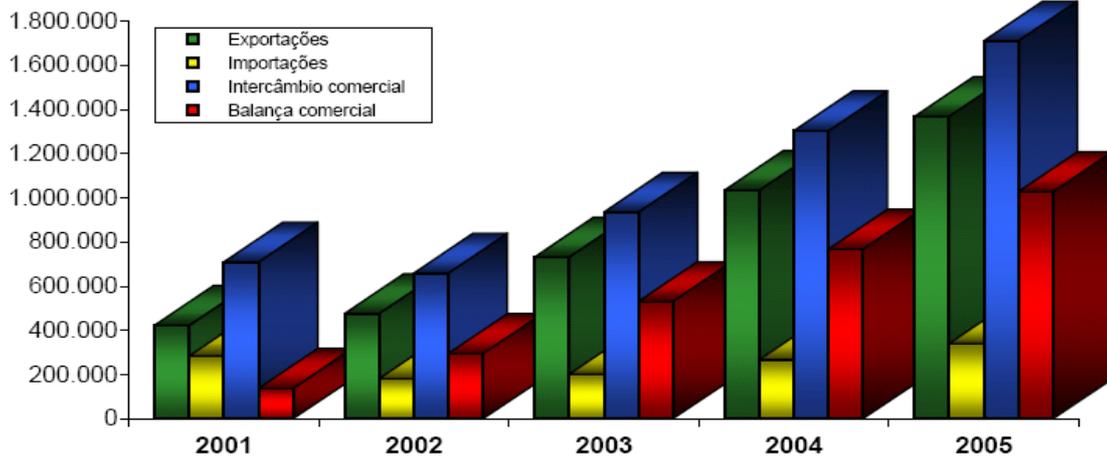
<sup>21</sup> <http://www.mre.gov.br/portugues/imprensa/artigos/valoreconomico200605.asp>

Um aspecto que a Câmara busca fazer mais presente e de fácil acesso é a informação, a qual deve ser bem detalhada e com qualidade, servindo assim como base das estratégias elaboradas pelos brasileiros que se interessem no acesso a este país do continente africano. Desde a sua criação os empresários a observam como um ponto de referência cada vez mais forte e de qualidade. Um dos motivos para isso é dado em função da Câmara prestar informações de diversas áreas distintas de sua atuação principal, área comercial.

Mesmo demonstrando essa qualidade a Câmara precisa de uma reforma para melhor acompanhar o avanço dos empresários brasileiros, para isto se faz necessário à contratação de mais especialistas, divulgação de relatórios anuais ou semestrais, dinamização dos contatos com empresários africanos, realização de mais pesquisas de mercado, um site, entre outras atualizações. Apesar desses pontos fracos a Câmara constitui um potencial auxiliar no desenvolvimento dos negócios entre os dois países.

## Intercâmbio Comercial Brasil-África do Sul

(US\$ mil, FOB)



Fonte: Elaborado pelo MRE/DPR/DIC – Divisão de Informação Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Sistema Alice

O Brasil atualmente apresenta um saldo positivo com o referido parceiro, de US\$ 450.094 milhões, momento esse que o país começou a atuar com mais interesse. No entanto, com base nos dados de 2005, o qual apresenta um saldo de quase US\$ 1.028 bilhão, cabe destacar algumas características em relação aos seguimentos de produtos importados e exportados dessa parceria. Os principais produtos importados pelo Brasil da África do Sul foram: hulha antracita, não aglomerada-carvão mineral (8,16%); ferrovanádio - mineral (7,01%), outras ligas de ferromanganês (5,66%); platina em formas brutas ou em pó (5,54%); tebutiuron - herbicida (3,88%); virabrequins (cambotas) (2,75%), outras ligas de ferrocromo (2,7%); acetona não contendo outras funções oxigenadas (2,59%); outros motores de explosão para veículos (2,59%) e paládio em formas brutas ou em pó (2,56%). (Ver Anexo II)

Já os principais produtos exportados pelo Brasil, em 2005, foram: pedaços e miudezas de frango, congelados (6,38%); óleo de soja refinado em recipientes com mais de 5 litros (4,06%); outras partes e acessórios para tratores e veículos automóveis (4,02%); outros veículos automóveis com motor a explosão, para cargas menores que 5 toneladas (4%); outros açúcares de cana, beterraba, sacarose (3,81%); carroçarias para veículos automóveis para transporte de mais de 10 pessoas ou cargas (3,41%); fumo não-manufaturado (3,34%); automóveis com motor à explosão para transporte de até 6 passageiros (3,3%); tratores rodoviários para semi-reboques (3,27%) e chassis com motor para veículos automóveis para transporte de 10 ou mais pessoas (2,4%). (Ver Anexo III)

Após a apresentação dos gráficos de importação e exportação, vale apontar em quais outros produtos o Brasil pode obter vantagens através desta sua relação comercial crescente. Por sua capacidade de expansão das vendas é possível haver o aumento das exportações nos seguintes produtos: açúcares e produtos de confeitaria, carnes, sementes de produtos hortícolas, peixes e crustáceos, café descafeinado, frutos, sucos e cachaça, vinhos, vidros, cadeiras para deficientes, cosméticos, têxteis, talheres, artesanatos, produtos químicos, cinematográficos, máquinas para processamento de dados e sua unidades, máquinas agrícolas, bombas de ar ou de vácuo, refrigeradores, aparelhos de televisão, aparelhos de comunicação, aparelhos de gravação, câmeras de vídeo, equipamentos médicos-hospitalares, defesa, engenharia e energia.

No que diz respeito aos açúcares e produtos de confeitaria e carnes o Brasil representou em 2005, respectivamente, 42,9% e 62,2% nas importações sul-

africanas, contudo ainda é possível proporcionar uma elevação significativa nessa categoria. Já no setor de máquinas e equipamentos, a África do Sul importa uma multiplicidade de produtos, sendo o grupo de máquinas, equipamentos e instrumentos mecânicos o mais importado em 2004, no total de US\$ 7,7 bilhões, porém o Brasil contribuiu somente com 1,9% dessas importações. Nesta área existe uma imensa possibilidade de incremento, dependendo somente do empenho brasileiro na exploração do mercado, pois capacidade e qualidade os produtos tem para competir em nível internacional.

Para o comércio de equipamentos médicos-hospitalares, os números também são estimuladores. Em 2005, a África do Sul importou US\$ 650 milhões de dólares em equipamentos e produtos para saúde, desse total o Brasil participou com somente 0,2%. Os maiores concorrentes desse mercado são Estados Unidos e Europa, entretanto o valor do produto brasileiro é bem abaixo daqueles países e igualmente com elevada qualidade.

Outro ponto de interesse é no que diz respeito à cooperação, no setor de defesa, com a Embraer, pois a África do Sul está buscando reinvestir em algumas empresas estatais que trabalham neste ramo. A energia também é um produto no qual o Brasil tem grande competitividade e aquele país, por ser totalmente dependente de petróleo importado, busca diversificar sua matriz energética com a obtenção da tecnologia do biocombustíveis. Todas essas categorias de produtos e oportunidades vem sendo discutidas e debatidas em uma série de encontros entre ambos, sempre focando uma conclusão de negociações que tendem a aproximar ainda mais os países.

Para tanto o Brasil precisa procurar meios para intensificar sua participação nas pautas sul-africanas, ou seja, obter maior representatividade, com isso precisa existir o empenho do governo e das empresas nacionais. O governo precisa promover possibilidades de missões comerciais, participação em feiras e eventos, buscando laços mais fortes por meio de acordos em nichos comuns. Por parte das empresas nacionais há necessidade de atitude e desenvolvimento de estratégias para atingir o grupo consumidor da maneira adequada.

Para contribuir com esse progresso uma agência autônoma estimula as exportações brasileiras, esta é a Agência de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX-Brasil). A chave do trabalho é essencialmente a inscrição de pequenas e médias empresas na exportação, assim abrindo chance delas disputarem um espaço maior no mercado interno. A APEX-Brasil vem contribuindo para a diversificação da pauta exportadora e, particularmente, no crescimento extraordinário das vendas com maior valor agregado<sup>22</sup>.

Com base em planejamento estratégico de promoção comercial e ações realizadas em parceria com os setores público e privado, a Agência trabalha com as seguintes diretrizes:

1. Identificar vocações produtivas regionais;
2. Fortalecer as entidades de classe;
3. Realizar estudos e prospecções de mercado;
4. Firmar acordos de cooperação com redes internacionais;

---

<sup>22</sup> <http://www.apexbrasil.com.br/>

5. Realizar grandes eventos, tendo o Brasil como tema;
6. Inserir novas empresas no mercado internacional;
7. Promover encontros de negócios com importadores;
8. Executar/coordenar eventos internacionais (missões comerciais, feiras, encontros de negócios);
9. Promover a imagem do Brasil.<sup>23</sup>

Desta feita, se pode analisar os trabalhos da APEX-Brasil relacionados a África do Sul, principalmente, às missões comerciais e feiras. As missões comerciais são atividades de prospecção e desenvolvimento e realização de negócios, por meio do encontro de empresas brasileiras exportadoras com potenciais importadores. Compreendem visitas técnicas, rodadas de negócios, seminários em mercados cujo potencial de exportação foi anteriormente analisado pela Agência. Só para o segundo semestre de 2006 há três missões com direção a África do Sul, são elas:

<b>Entidade</b>	<b>Setor</b>	<b>Evento</b>	<b>Local</b>	<b>Período (2006)</b>
SOFTEX	Software	Missão Multisetorial (APEX)	África do Sul	28 a 31 de agosto
ABIMO	Equipamentos médicos-odontológicos	Missão África do Sul	África do Sul	agosto/ setembro
ABIGRAF	Gráfica e papelaria	Missão África do Sul	África do Sul	outubro

Neste ponto é viável observar uma dessas missões, na forma de um estudo de caso, a SOFTEX. Em busca de uma maior exploração do mercado a

<sup>23</sup> <http://www.apexbrasil.com.br/>

APEX-Brasil levou 30 empresas para participar de uma série de rodadas e seminários, visando aproveitar os espaços existentes para o aumento das vendas, já que a África do Sul tem potencial, porque possui um crescimento contínuo entre 3,5% a 4% do PIB.

Essa missão foi ao referido país tentar uma evolução em seis segmentos, os quais foram apontados pela Unidade de Inteligência Comercial da Agência como de grande possibilidade de negócios, tais segmentos são: máquinas e equipamentos, equipamentos médicos, plásticos, eletroeletrônicos, tecnologia da informação e alimentos.

“De soluções para TI a comidas e bebidas, o Brasil tem um amplo rol de produtos e serviços que podem ser oferecidos ao Mercado sul-africano. Com essa missão, nós esperamos mostrar o potencial das empresas brasileiras, promover parcerias e reduzir a distância entre os produtos nacionais e os consumidores sul-africanos”, diz Juan Quirós, presidente da APEX-Brasil.<sup>24</sup>

Destarte, abordando uma outra atribuição da Agência será tratado da questão das feiras importantes para os exportadores brasileiros. Feiras internacionais são eventos periódicos, setoriais ou multissetoriais, que visam levar empresas para expor e comercializar produtos e serviços em espaço apropriado, em que se pode realizar outras atividades promocionais em paralelo. A APEX-Brasil apóia técnica e financeiramente esses eventos.<sup>25</sup> Há três eventos muito importantes no mercado sul-africano a Exhibition Association of Southern África (EXSA), a Specialized Exhibitions e a South African International Trade Exhibition (SAITEX), sendo esta última a de maior importância.

---

<sup>24</sup><http://www.portaldoexportador.gov.br/Dinamica.asp?CodigoDaPublicacao=1998&CaminhoTemplate=noticiaportal.asp>

<sup>25</sup> <http://www.apexbrasil.com.br/interna.aspx?id=24>

A EXSA foi fundada em 1980 como uma organização sem fins lucrativos que representa uma série de organizações e companhias de serviços. Através da representação coletiva, fornece um fórum de relacionamento para todos os participantes. E fornece uma compilação de informação e um serviço de disseminação a todas as partes interessadas, local e internacionalmente.

Agora a Specialized Exhibitions oferece oportunidades de negócios na África, colocando o interessado em contato com o possível comprador de bens ou serviços. Já a SAITEX é a plataforma mais importante do comércio internacional na África do Sul, desde 1993. É a única feira de comércio multissetorial de seu tipo no continente e se oferece anualmente como anfitriã à centenas de expositores que demonstram seus produtos, serviços, buscando oportunidades de negócios com os sul-africanos.

As feiras são uma oportunidade para apresentar os produtos e sentir sua adequação ao mercado almejado, destarte o governo e as empresas brasileiras, interessadas no continente, estão sempre observando as datas de tais eventos, para que com isso estabelecer contatos e formar parcerias, as quais nos últimos anos vem se tornando uma relação comercial intensa.

O Brasil tem produtos de qualidade e pessoal especializado e interessando em desenvolver laços mais próximos com a África do Sul. O país está cercado os empresários e o governo sul-africano de todos os lados possíveis, através das missões, feiras, ações governamentais, acordos para que com isso

possa ampliar o destino das exportações nacionais. Contudo o Brasil deve trabalhar em estratégias bem planejadas, para contornar os acordos bilaterais, anteriormente firmados pela África do Sul com outros blocos ou países, um exemplo é o caso do acordo feito com a União Européia, Acordo de Comércio, Desenvolvimento e Cooperação (ACDC) assinado em 1999 e concluído oficialmente em 2004.

“A União Européia conclui um acordo bilateral a longo prazo relativo ao comércio e à ajuda ao desenvolvimento. Este acordo tem por objetivo fornecer um quadro adequado ao diálogo entre as partes, apoiar os esforços envidados pela África do Sul no sentido de consolidar as bases econômicas e sociais do seu processo de transição, promover a cooperação regional e a integração econômica na região da África austral, a fim de contribuir para o seu desenvolvimento econômico e social, incentivar o desenvolvimento e a liberalização do comércio das mercadorias, dos serviços e dos capitais entre as partes, encorajar a integração da África do Sul na economia mundial e promover a cooperação entre a Comunidade e a África do Sul.”<sup>26</sup>

Desta maneira o Brasil tem que favorecer um diálogo propício em todas as instâncias com vista a consolidar as bases econômicas, firmar acordos, para com isso utilizar suas vantagens em relação aos outros países e a própria África do Sul, promovendo a cooperação regional e a integração econômica, além, é claro, de gerar um saldo favorável na sua balança comercial.

---

<sup>26</sup> <http://europa.eu/scadplus/leg/pt/lvb/r12201.htm>

## Capítulo 4

### ACORDOS ENTRE BRASIL E ÁFRICA DO SUL

Neste capítulo 4 serão destacados os acordos existentes entre o Brasil e a África do Sul, incluindo os acordos entre os blocos regionais, nos quais os referidos países fazem parte, são eles: Mercosul, SACU e SADC.

A crescente simpatia entre ambos países nos últimos tempos está ajudando a ultrapassar desconfianças passadas. O empenho brasileiro em aproximar seu relacionamento está encontrando reciprocidade naquele país do continente africano. E ainda há uma expectativa, já traduzida em ações, de um aumento maior no campo econômico.

Desde o ano 2000 uma série de acordos entrou em vigor entre Brasil e África do Sul, neste ponto alguns serão destacados para ilustrar tal contato:

- i. Acordo sobre Cooperação no Campo da Cultura, entrou em vigor em 12/04/2000, visando promover, com a maior abrangência possível, o conhecimento mútuo e a compreensão das respectivas culturas e manifestações artísticas, assim como as histórias e modos de vida;

- ii. Acordo sobre Serviços Aéreos entre seus Territórios e Além, entrou em vigor em 27/08/2001, almejando contribuir para o progresso da aviação civil internacional.
  
- iii. Acordo de Cooperação Técnica, entrou em vigor em 25/07/2003, ambicionando aperfeiçoar e estimular o desenvolvimento social e econômico dos países, pois estavam convencidos da necessidade de dar ênfase ao desenvolvimento sustentável e reconhecendo as vantagens recíprocas resultantes da cooperação técnica em áreas de interesse comum, estimulando o progresso técnico;
  
- iv. Convenção entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República da África do Sul para Evitar a Dupla Tributação e Prevenir a Evasão Fiscal em Relação aos Impostos Sobre a Renda, entrou em vigor em 13/07/2006.

Entanto os novos acordos comerciais e de cooperação em âmbito bilateral migraram para a esfera do IBAS, através do eixo Índia-Brasil-África do Sul. Portanto uma relação mais privilegiada com a África do Sul terá, na maioria dos casos, que passar por este foro. Surgiu como uma forma de aproximar geopoliticamente e economicamente esses países, três dos maiores representantes dos países em desenvolvimento. O Foro de Diálogo Índia, Brasil e África do Sul se iniciou em 2003, sendo esta uma iniciativa da África do Sul, como uma via para expandir o nível de entendimento entre os governos, gerando assim o avanço das relações trilaterais.

Para que os pontos do IBAS pudessem surtir o efeito aguardado houve necessidade do desenvolvimento de alguns pontos, um deles é o incremento da conectividade entre os membros, com a infra-estrutura, transportes, circulação de pessoas, turismo, elemento cultural, utilização de tecnologias de informação e comunicação (TICs), troca de capital intelectual e o intercâmbio acadêmico.

“As vantagens de uma cooperação trilateral como essa são claramente notáveis quando consideramos, por exemplo, a área de segurança energética. No IBAS, nós somos favorecidos por ter uma verdadeira soma de expertise e experiência. O Brasil é o líder mundial no uso de etanol. A África do Sul tem tecnologia na produção de gás por meio de carvão e uma desenvolvida indústria de combustíveis sintéticos. A Índia, por sua vez, tem expertise em energia eólica e solar. O IBAS pode ser efetivo no uso das nossas respectivas forças competitivas nessas tecnologias alternativas de energia”, salientou, em seu discurso na Cúpula, o premiê indiano Singh, que citou como referência para a cooperação trilateral o lema do ex-presidente Juscelino Kubitschek: “50 anos de progresso em cinco”.<sup>27</sup>

Em março de 2004 o Foro foi adotado em definitivo com o Plano de Nova Delhi. Esses países têm juntos um potencial mercado consumidor de 1,25 bilhão de pessoas e o comércio entre os três gira em torno de US\$ 5 bilhões, contudo há uma meta de elevar tal cifra para US\$ 10 bilhões até 2010. Porém essa relação não pode deixar de lado o tema do desenvolvimento social, área que precisa de substanciais avanços nos três países.

Os pontos comuns da agenda política, econômica e social oferecem a oportunidade de compartilhar experiências no âmbito do desenvolvimento econômico, em particular em programas voltados à população de mais baixa renda, da equidade social, com especial atenção aos grupos mais vulneráveis, além de parcerias em programas de ciência e tecnologia.

---

<sup>27</sup> <http://www.vermelho.org.br/base.asp?texto=7467>

O Brasil tem como meta aumentar a sua participação nas vendas, junto aos outros países do IBAS, de 2% para, no mínimo, 4% nos próximos anos. Havendo assim uma ampliação significativa para sua balança comercial. Para melhorar o intercâmbio comercial, na visão dos países membros, é preciso identificar melhor os setores com maior produtividade, em favor do aproveitamento adequado da sinergia produzida por meio desta que se tornou uma concreta relação Sul-Sul.

Todas essas metas e objetivos estão presentes no plano de ação do Foro, que dentre seus principais pontos econômicos se destaca: fortalecer os vínculos dos setores negócios dos três países; realização de estudos para examinar as possíveis parcerias econômicas e comerciais e sugerir formas e meios de aumentar o fluxo de comércio e investimentos entre os três países. Houve um acordo em formar uma rede das suas instituições de pesquisa e desenvolvimento a fim de fortalecer e desenvolver a relação trilateral na área da ciência e tecnologia.<sup>28</sup>

A partir deste ponto caberá apresentar o relacionamento existente no âmbito multilateral dos blocos econômicos regionais dos dois continentes, isto é, o Mercosul, SACU e SADC.

“A República Argentina, a República Federativa do Brasil, a República do Paraguai e a República Oriental do Uruguai assinaram em 26 de março de 1991 o Tratado de Assunção, criando o Mercado Comum do Sul, MERCOSUL.... a zona de livre comércio e a união aduaneira constituem passos intermediários para alcançar um mercado único que gere um maior crescimento de suas economias, aproveitando o efeito multiplicador da especialização, das economias de escala e do maior poder de negociação do bloco.”<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> [http://www.mre.gov.br/portugues/politica\\_externa/grupos/ibas/plano\\_acao.asp](http://www.mre.gov.br/portugues/politica_externa/grupos/ibas/plano_acao.asp)

<sup>29</sup> <http://www.mercosur.int/msweb/principal/contenido.asp>

“The Southern African Customs Union came into existence on 11 December 1969 with the signature of the Customs Union Agreement between South Africa, Botswana, Lesotho, Namibia and Swaziland. It entered into force on the 1st of March 1970, thereby replacing the Customs Union Agreement of 1910. SACU is the oldest Customs Union in the world.”<sup>30</sup>

“Foi criada em 1992, para incentivar as relações comerciais entre seus 14 países membros. Tem o objetivo de criar um mercado comum, a médio prazo, seguindo o modelo básico da União Européia e alguns aspectos do Mercosul. Tem também o propósito de promover esforços para estabelecer a paz e a segurança na conturbada região meridional africana. São Países-Membros da SADC: África do Sul, Angola, Botsuana, Lesoto, Malavi, Maurício, Moçambique, Namíbia, República Democrática do Congo, Seicheles, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue.”<sup>31</sup>

Após esta breve explicação sobre os blocos regionais, será introduzido como está o nível de relacionamento entre eles, mais especificamente, entre Mercosul e SACU e Mercosul e SADC, tendo como centro a participação brasileira nesse relacionamento entre blocos.

As negociações entre Mercosul e SACU estão se desenvolvendo no âmbito da Comissão Negociadora do Acordo Marco Mercosul-África do Sul, firmado em 15/12/2000, tendo como principal objetivo a criação de uma área de livre comércio. Num momento inicial o Mercosul levantou a possibilidade de um acordo de Preferências Tarifárias Fixas e posteriormente as partes envolvidas acordaram nesse ponto, um primeiro passo para o Acordo-Quadro.

Somente em dezembro de 2004, após uma série de encontros, foi concluído o acordo de Preferências Tarifárias Fixas, materializado em um universo de preferências com 1900 itens no total.

---

<sup>30</sup> <http://www.dfa.gov.za/foreign/Multilateral/africa/sacu.htm>

<sup>31</sup> <http://www.camara.gov.br/mercosul/blocos/SADC.htm>

A oferta do Mercosul é composta de 958 produtos sendo que 78,5% dos produtos receberam margem de preferência de 100%. A oferta dos países do SACU foi de 951 produtos, sendo que 45,3% receberam margem de preferência de 100%.

#### Sumário de ofertas entre Mercosul e SACU

<b>Margem de Preferências</b>	<b>Mercosul oferece para SACU Nº de Produtos</b>
100	752
25	34
20	78
10	94
<i>Total</i>	958
<b>Margem de Preferências</b>	<b>SACU oferece para o Mercosul Nº de Produtos</b>
100	431
50	161
20	103
10	256
<i>Total</i>	951

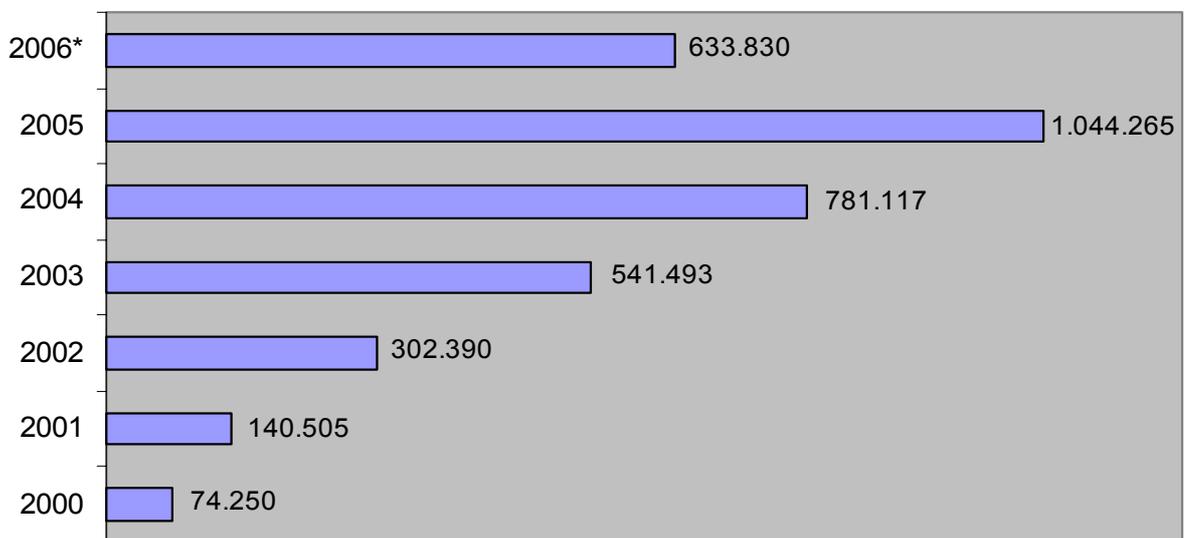
Fonte: Acordo de Preferência Tarifárias Fixas de 2004 entre Mercosul e SACU

Para o crescimento do Acordo, que está em vigor desde dezembro de 2004, uma série de encontros técnicos estão sendo desenvolvidos para elaboração de programas de trabalho detalhados, para desta maneira progredir nas negociações. Porém a abrangência dos acordos é pequena e tendem a privilegiar alguns produtos que já fazem parte das pautas bilaterais dos países.

No entanto tal relação tende a incrementar o intercâmbio comercial dos países envolvidos, mesmo que em pequena escala, além de aproximar regiões com potenciais complementares. O Brasil elevou mais suas exportações, comparado a qualquer outro membro do Mercosul, para a totalidade da SACU. Uma das ressalvas

que se deve fazer é que dentro do acordo estão presentes 150 itens do setor de alimentos e mais 200 itens do setor de máquinas, aparelhos e materiais elétricos, sendo este um fator positivo para o Brasil, por possuir mais vantagens relativas do que qualquer outro membro dos dois blocos.

### **Evolução do Saldo Comercial entre Brasil e SACU** (Em US\$ Milhões - F.O.B.)

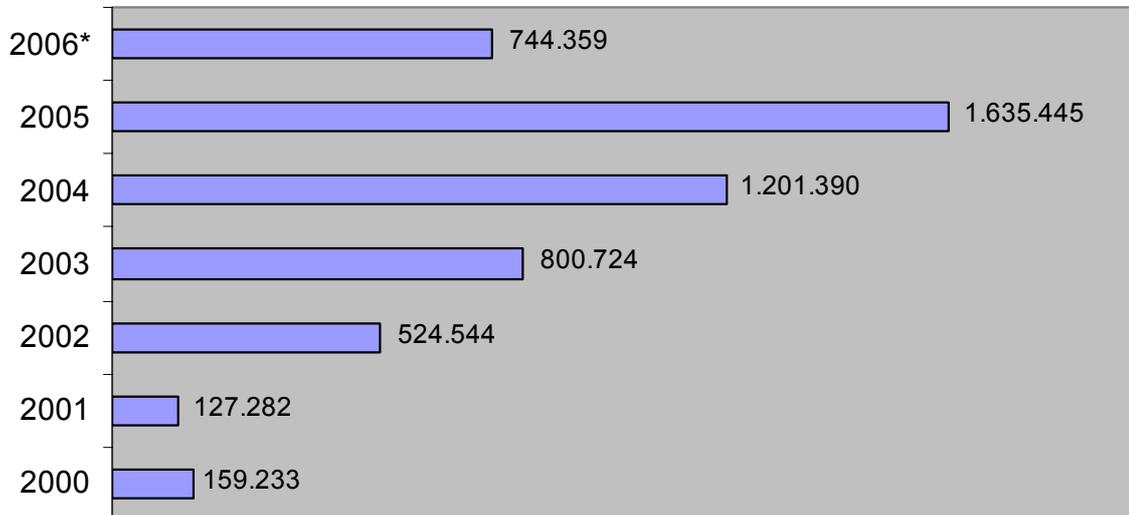


\*Dados até o mês de junho

Fonte: Dados retirados do AliceWeb (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior)

Já no relacionamento entre Mercosul e SADC também há busca de uma área de livre comércio, entretanto os contatos e as negociações não estão em uma fase tão avançada como com a SACU. Dentro desse bloco o alvo principal é a África do Sul, porém tal foco é trabalhado pela vertente regional e não na forma de relacionamento bilateral.

### **Evolução do Saldo Comercial entre Brasil x SADC** (Em US\$ Milhões - F.O.B.)



\*Dados até o mês de junho

Fonte: Dados retirados do AliceWeb (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior)

No comércio inter-regional, somente 27% das exportações agrícolas e 12% das exportações de manufaturas respondem pelas exportações dos países em desenvolvimento, no comércio Sul-Sul. Ressalta-se que deve haver uma ampliação dos acordos com os dois blocos, supracitados, para que se possa chegar a definição de uma possível estratégia de especialização, além disso, a questão de acordos é uma estratégia de conquista de mercados e um avanço do contato pode favorecer a identificação de novas oportunidades.

## Conclusão

O diálogo entre Brasil e África do Sul está cada vez mais interessante, nos últimos anos a evolução foi sensível, principalmente, em razão da contínua convergência de interesses e nesta oportunidade o Brasil está aproveitando o seu papel de parceiro estratégico na América Latina para ampliar e garantir esse contato.

Há mais afinidades que distâncias entre os dois países, desta maneira a cooperação será o sentido buscado para alcançarem objetivos específicos e muitas das vezes comuns. Assim, além da relação entre os dois países, o contato torna mais fácil visualizar e trabalhar em estratégias para aproveitar as novas oportunidades globais.

“O pragmatismo brasileiro em política externa e a cautela sul-africana aproximam as possibilidades de um diálogo frutífero entre países que carregam hábitos e linguagens internacionais bastante afins”<sup>32</sup>

Contudo não é possível deixar de apontar que o Brasil e a África do Sul compartilham muitos problemas e oportunidades e, sem dúvida, haverá muita contribuição de um para com o outro, em razão dessa contínua aproximação.

Nos dois casos, o desafio é equilibrar o atendimento às enormes demandas sociais e a melhoria da distribuição de renda, que irão exigir aumento do gasto público, com a necessidade de manter o equilíbrio das contas públicas, sem o qual não será possível reduzir a inflação, elevar a taxa de investimento e, a médio/longo prazo, acelerar o crescimento do produto e do emprego.

---

<sup>32</sup> Brasil e África do Sul: Riscos e Oportunidades no Tumulto da Globalização. Samuel Pinheiro Guimarães (org.). Brasília: CNPQ, 2003. p.180.

Além dessas dificuldades internas para ambos, há problemas no cenário internacional que prejudicam a participação brasileira mais ativa nas pautas sul-africanas. Desse modo o Brasil deve procurar maneiras específicas para contrapor o poderio, principalmente da União Européia, maior parceiro comercial da África do Sul, e dos Estados Unidos.

Não obstante o Brasil apresenta vantagens relativas em relação àqueles países, uma vez que, possui produtos com excelente qualidade e com preços inferiores, assim a demanda por estratégias envolvendo acordos comerciais e de cooperação é notória, além disso, tal participação requer fortes interações governo a governo.

Entretanto, como já apresentado no decorrer deste trabalho, as ações governamentais já estão sendo adotadas, através de acordos, tanto em nível bilateral quanto em nível regional, que são as melhores opções para se atingirem nichos de complementaridade. Também por meio do desenvolvimento do IBAS.

Outra ação nesta perspectiva é a realização da 1ª Cúpula África – América do Sul de 2006, a qual busca encontrar uma complementação entre as duas regiões. Este é mais um passo que poderá influenciar também a crescente relação do Brasil com a África do Sul. A Cúpula tem como finalidade desenvolver mais o comércio Sul-Sul, a fim de unir e beneficiar mutuamente os países, visando ao final ampliar os mercados internacionais de cada.

Essas atuações vêm pontualmente, ocupando os espaços ociosos nesse relacionamento, ocasionando desta maneira um aumento da cooperação. Um fator real é a vantagem que o Brasil passou a obter, desde 1999, com essa aproximação. Atualmente a diversificação dos produtos exportados para a África do Sul, além dos tradicionais, é um dos objetivos principais.

“Todavia podemos estar certos de que a África do Sul e o Brasil terão maior possibilidade de superar com sucesso os riscos e de aproveitar as oportunidades dessa era, caso cooperem estreitamente, caso agreguem seus recursos comparativamente escassos, não apenas econômicos, mas também políticos, e ativamente trabalhem para criar na arena internacional um espaço de poder que suas sociedades necessitarão no futuro”<sup>33</sup>

Um ponto importante e no qual o Brasil já deu passos importantes é quanto a questão referente aos blocos regionais, pois estes são um veículo importante para o crescimento econômico dos países e, claro, das regiões.

Esse comércio interblocos favorece o estabelecimento de contatos também na forma bilateral, com os países constituintes dos mesmos, dessa feita, o Brasil acaba por atingir um ponto secundário nesse intercâmbio comercial com a África do Sul, que é a diversificação da pauta de exportação, para países diferentes dos tradicionais, ou seja, do norte.

A consolidação das oportunidades trabalhadas, com o passar dos anos, já está apresentado seus efeitos positivos para o Brasil, tanto nas relações exclusivamente bilaterais quanto nas relações do Mercosul com a SACU e a SADC. De tal modo, é importante destacar que à perspectiva de negociações de um acordo

---

<sup>33</sup> Brasil e África do Sul: Riscos e Oportunidades no Tumulto da Globalização. Samuel Pinheiro Guimarães (org.). Brasília: CNPQ, 2003. p.880.

de livre comércio entre os dois países também favorece a intensificação das trocas comerciais entre o Brasil e a África do Sul.

O Brasil está se aproveitando dos produtos nos quais detém vantagens competitivas e que, ao mesmo tempo, são interessantes para a economia sul-africana. Mas, não está deixando de lado o conhecimento e a apresentação de novos produtos; por meio de feiras, missões comerciais, seminários, palestras, encontros de setores governamentais; que podem vir a ser vantajosos num futuro próximo.

Assim sendo, a análise das importações sul-africanas, mostra a grande capacidade do país em adquirir importantes produtos brasileiros como: aviões, automóveis, motores e autopeças, soja em grãos e produtos de alumínio.

O Brasil e a África do Sul estão bem situados para retomar suas trajetórias de grande crescimento, mas o sucesso em manter a estabilidade macroeconômica será o elemento central. Essa ampliação dos vínculos é uma excelente oportunidade para que empresários dos países estabeleçam vínculos comerciais duradouros. É certo que se converterá numa alavanca de comércio e investimentos lucrativos, dos quais o Brasil buscará se aproveitar ao máximo.

Desta feita, posso então responder a questão apresentada na introdução, ou seja, a análise do cenário abrangente das relações entre Brasil e África do Sul, através da perspectiva brasileira, especificamente no que tange o intercâmbio comercial.

Assim, concluo com este trabalho que há potencialidade nesses dois países para incrementar suas relações, mas esta ainda precisa ser bastante trabalhada, para que assim possa existir um aproveitamento mútuo do contato. Deste modo há necessidade de se coordenar interesses e trabalhar de forma harmônica para aproveitar as oportunidades existentes.

Deve haver o empenho na busca de atividades que venham a aprofundar esse laço e na pesquisa para se encontrar nichos de complementaridade, fatores esses que ocasionarão um acréscimo no intercâmbio existente entre Brasil e África do Sul, o qual é vantajoso principalmente para o Brasil, levando em consideração os dados apresentados.

## Anexo I

### Intercâmbio Brasil – África do Sul Evolução do Saldo Comercial (Em US\$ Milhões – F.O.B.)

Ano	Exportações	Importações	Saldo
1981	131.945	92.039	39.906
1982	102.797	76.458	26.339
1983	138.068	21.714	116.354
1984	130.503	43.045	87.458
1985	52.932	18.544	34.388
1986	48.352	51.819	-3.467
1987	89.590	60.596	28.994
1988	177.836	75.358	102.478
1989	170.428	80.131	90.297
1990	166.285	74.092	92.193
1991	160.793	63.554	97.239
1992	172.303	95.320	76.983
1993	189.569	135.245	54.324
1994	223.540	244.029	-20.489
1995	260.928	336.941	-76.013
1996	291.885	418.411	-126.526
1997	331.675	351.396	-19.721
1998	219.718	287.379	-67.661
1999	237.215	172.349	64.866
2000	302.141	227.755	74.386
2001	423.838	285.973	137.865
2002	477.683	181.667	296.016
2003	733.178	202.203	530.975
2004	1.035.865	268.098	767.767
2005	1.369.391	341.543	1.027.848
2006*	654.377	204.282	450.095
<b>Total</b>	<b>8.292.835</b>	<b>4.409.941</b>	<b>3.882.894</b>

Dados: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior  
SECEX - Secretaria de Comércio Exterior  
\*De janeiro a junho

## Anexo II

### Composição das importações no intercâmbio comercial Brasil – África do Sul (US\$ Milhões – F.O.B.)

	2003	% no Total	2004	% no Total	2005	% no Total
<b>Ferro fundido, ferro ou aço</b>	<b>25.520</b>	<b>12,6%</b>	<b>43.482</b>	<b>16,2%</b>	<b>82.100</b>	<b>24,0%</b>
Ferrovânádio	6.673	3,3%	11.350	4,2%	23.928	7,0%
Outras ligas de ferro manganês	6.251	3,1%	12.122	4,5%	19.322	5,7%
<b>Produtos químicos orgânicos</b>	<b>20.574</b>	<b>10,2%</b>	<b>33.304</b>	<b>12,4%</b>	<b>42.796</b>	<b>12,5%</b>
Tebutiuron	7.786	3,9%	13.700	5,1%	13.235	3,9%
Acetona não contendo outras funções oxigenadas	3.538	1,7%	7.299	2,7%	8.843	2,6%
<b>Combustíveis, óleos e ceras minerais</b>	<b>38.012</b>	<b>18,8%</b>	<b>41.290</b>	<b>15,4%</b>	<b>36.006</b>	<b>10,5%</b>
Hulha antracita, não aglomerada	15.120	7,5%	23.729	8,9%	27.853	8,2%
Hulha betuminosa não aglomerada	5.058	2,5%	3.495	1,3%	2.590	0,8%
<b>Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos</b>	<b>15.196</b>	<b>7,5%</b>	<b>16.984</b>	<b>6,3%</b>	<b>34.765</b>	<b>10,2%</b>
Outras partes para motores diesel/semidiesel	1.671	0,8%	5.826	2,2%	4.048	1,2%
Coletores de admissão ou escape, p/motores de explosão	1.069	0,5%	1.677	0,6%	1.896	0,6%
<b>Pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas</b>	<b>19.078</b>	<b>9,4%</b>	<b>28.973</b>	<b>10,8%</b>	<b>33.848</b>	<b>9,9%</b>
Platina em formas brutas ou em pó	12.519	6,2%	15.443	5,8%	18.930	5,5%
Ródio em formas brutas ou em pó	4.322	2,1%	9.884	3,7%	6.089	1,8%
<b>Alumínio e suas obras</b>	<b>14.924</b>	<b>7,4%</b>	<b>13.893</b>	<b>5,2%</b>	<b>16.709</b>	<b>4,9%</b>
Chapas de ligas alumínio, 0.2=1468mmm, envernizado	9.356	4,6%	7.253	2,7%	8.301	2,4%
<b>Minérios, escórias e cinzas</b>	<b>4.782</b>	<b>2,4%</b>	<b>14.202</b>	<b>5,3%</b>	<b>16.681</b>	<b>4,9%</b>
Zirconita	2.355	1,2%	3.673	1,4%	5.877	1,7%
Cromita (minérios de cromo)	922	0,5%	3.534	1,3%	4.545	1,3%
<b>Produtos diversos das indústrias químicas</b>	<b>14.020</b>	<b>6,9%</b>	<b>11.296</b>	<b>4,2%</b>	<b>10.691</b>	<b>3,1%</b>
<b>Outros metais comuns, ceramais, obras dessas materias</b>	<b>5.202</b>	<b>2,6%</b>	<b>7.144</b>	<b>2,7%</b>	<b>9.892</b>	<b>2,9%</b>
<b>Filamentos sintéticos ou artificiais</b>	<b>6.219</b>	<b>3,1%</b>	<b>9.524</b>	<b>3,6%</b>	<b>9.277</b>	<b>2,7%</b>
<b>Papel e cartão, obras de pasta celulósica</b>	<b>5.055</b>	<b>2,5%</b>	<b>8.537</b>	<b>3,2%</b>	<b>5.812</b>	<b>1,7%</b>
<b>Veículos automóveis, tratores, ciclos</b>	<b>1.594</b>	<b>0,8%</b>	<b>2.722</b>	<b>1,0%</b>	<b>4.572</b>	<b>1,3%</b>
<b>Veículos e material para vias férreas, etc.</b>	<b>2.022</b>	<b>1,0%</b>	<b>4.099</b>	<b>1,5%</b>	<b>4.406</b>	<b>1,3%</b>
Subtotal	172.198	85,2%	235.450	87,8%	307.555	90,0%
Demais Produtos	30.005	14,8%	32.648	12,2%	33.988	10,0%
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>202.203</b>	<b>100,0%</b>	<b>268.098</b>	<b>100,0%</b>	<b>341.543</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Informação Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Sistema Alice / Grupos de produtos listados em ordem decrescente, tendo como base os valores apresentados em 2005.

## Anexo III

### Composição das exportações no intercâmbio comercial Brasil – África do Sul (US\$ Milhões – F.O.B.)

	2003	% no Total	2004	% no Total	2005	% no Total
<b>Veículos automóveis, tratores, ciclos</b>	<b>221.332</b>	<b>30,2%</b>	<b>299.912</b>	<b>29,0%</b>	<b>435.765</b>	<b>32,3%</b>
Outras partes e acessórios para tratores e automóveis	46.300	6,3%	40.555	3,9%	54.989	4,1%
Outros veículos automóveis com motor a explosão	10.942	1,5%	21.872	2,1%	54.778	4,1%
Carroçarias para veículos automóveis para transporte de mais de 10 pessoas e carga	33.100	4,5%	31.354	3,0%	46.654	3,5%
<b>Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos</b>	<b>91.068</b>	<b>12,4%</b>	<b>147.340</b>	<b>14,2%</b>	<b>170.476</b>	<b>12,6%</b>
Outros motores de explosão para automóveis	9.270	1,3%	11.813	1,1%	26.676	2,0%
Motocompressor hermético	10.840	1,5%	14.480	1,4%	11.893	0,9%
<b>Carnes e miudezas comestíveis</b>	<b>52.043</b>	<b>7,1%</b>	<b>121.600</b>	<b>11,7%</b>	<b>156.037</b>	<b>11,6%</b>
Pedaços e miudezas comestíveis de galos/galinhas, congelados	28.083	3,8%	64.376	6,2%	87.374	6,5%
Outras carnes de suíno, congeladas	5.603	0,8%	16.526	1,6%	28.574	2,1%
<b>Açúcares e produtos de confeitaria</b>	<b>17.860</b>	<b>2,4%</b>	<b>34.746</b>	<b>3,4%</b>	<b>82.552</b>	<b>6,1%</b>
Bombons, caramelos, confeitos e pastilhas, sem cacau	14.067	1,9%	20.141	1,9%	25.623	1,9%
<b>Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais</b>	<b>50.978</b>	<b>7,0%</b>	<b>49.740</b>	<b>4,8%</b>	<b>70.225</b>	<b>5,2%</b>
Óleo de soja refinado, em recipientes com capacidade > 5l	31.319	4,3%	36.384	3,5%	55.577	4,1%
<b>Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados</b>	<b>30.408</b>	<b>4,1%</b>	<b>67.842</b>	<b>6,6%</b>	<b>53.935</b>	<b>4,0%</b>
<b>Máquinas, aparelhos e material elétricos</b>	<b>24.924</b>	<b>3,4%</b>	<b>34.580</b>	<b>3,3%</b>	<b>41.985</b>	<b>3,1%</b>
<b>Minérios, escórias e cinzas</b>	<b>25.958</b>	<b>3,5%</b>	<b>29.088</b>	<b>2,8%</b>	<b>30.359</b>	<b>2,3%</b>
<b>Plásticos e suas obras</b>	<b>20.887</b>	<b>2,8%</b>	<b>32.817</b>	<b>3,2%</b>	<b>25.029</b>	<b>1,9%</b>
<b>Ferro fundido, ferro e aço</b>	<b>9.599</b>	<b>1,3%</b>	<b>14.898</b>	<b>1,4%</b>	<b>24.294</b>	<b>1,8%</b>
<b>Produtos cerâmicos</b>	<b>14.920</b>	<b>2,0%</b>	<b>20.050</b>	<b>1,9%</b>	<b>22.212</b>	<b>1,6%</b>
<b>Produtos químicos orgânicos</b>	<b>12.346</b>	<b>1,7%</b>	<b>13.701</b>	<b>1,3%</b>	<b>19.084</b>	<b>1,4%</b>
<b>Obras de ferro fundido, ferro ou aço</b>	<b>8.521</b>	<b>1,2%</b>	<b>11.760</b>	<b>1,1%</b>	<b>16.814</b>	<b>1,2%</b>
<b>Peles, exceto peleteria (peles com pelos) e couros</b>	<b>19.607</b>	<b>2,7%</b>	<b>26.064</b>	<b>2,5%</b>	<b>16.704</b>	<b>1,2%</b>
<b>Vidro e suas obras</b>	<b>22.912</b>	<b>3,1%</b>	<b>9.152</b>	<b>0,9%</b>	<b>16.535</b>	<b>1,2%</b>
Subtotal	623.363	85,1%	913.290	88,2%	1.182.006	87,6%
Demais Produtos	109.515	14,9%	122.205	11,8%	166.649	12,4%
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>732.878</b>	<b>100,0%</b>	<b>1.035.495</b>	<b>100,0%</b>	<b>1.348.655</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Informação Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Sistema Alice / Grupos de produtos listados em ordem decrescente, tendo como base os valores apresentados em 2005,

## Bibliografia

AGÊNCIA DE PROMOÇÃO DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS: APEX-Brasil. Disponível em: <<http://www.apexbrasil.com.br/>>. Acesso em: 07 nov. 2006.

ARBIX, Glauco; COMIN, Álvaro; ZILBOVICIUS, Moura; ABRAMOVAY, Ricardo. Brasil, México, África do Sul e China: Diálogo Entre os que Chegaram Depois. São Paulo: Editora UNESP: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. 340 p.

ARORA, Vivek B. The Implications of South African Economic Growth for the Rest of Africa. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/cat/longres.cfm?sk=18098.0>>. Acesso em: 07 nov. 2006.

BADO, Álvaro Labrada. Das Vantagens Comparativas a Construção das Vantagens Competitivas: Um Resenha das Teorias que Explicam o Comércio Internacional. Revista de Economia e Relações Internacionais. v. 3, n. 5. São Paulo: FEC – FAAP, 2004. 5-20 p.

BERGER, Peter L; GODSELL, Bobby. A Future South África: Visions Strategies and Realities. Talferberg: Human e Rousseau, 1998. 344 p.

CORNEVIN, Marianne. Apartheid: Poder e Falsificação Histórica. Lisboa: Edições 70, 1979. 143 p.

DÖPCKE, Wolfgang. O Noivado das Baleias e a Política Africana de Lula. Disponível em: <<http://www.unb.br/acs/artigos/at1003-05.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2006.

EXHIBITION ASSOCIATION OF SOUTHERN AFRICA. Disponível em: <<http://www.exsa.co.za/>>. Acesso em: 07 nov. 2006.

GUERRA FRIA: O Terceiro Mundo. África. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/guerrafria/guerra10/terceiromundo-africa.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2006.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Brasil e África do Sul: Riscos e

Oportunidades no Tumulto da Globalização. Brasília: CNPQ, 2003. 896 p.

MAGNOLI, Demétrio. África do Sul: Capitalismo e Apartheid. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1998. 83 p.

MERCADO: África do Sul. Comércio Exterior: Informe BB, Brasília, v. 11, nº 47, 08-21 p., maio/jun. 2003.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Política Externa. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br>>. Acesso em: 07 nov. 2006.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES: Departamento de Promoção Comercial, Divisão de Informação Comercial. Estudos e Documentos de Comércio Exterior: Como Exportar. Brasília, 2000.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Departamento de Planejamento e Desenvolvimento do Comercio Exterior. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial.php>>. Acesso em: 07 nov. 2006.

RABELO, Aldo; FERNANDES, Luis; CADIM, Henrique Carlos. Seminário Política Externa do Brasil para o Século XXI. 2ª. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2004. 457 p.

SANTOS, Theotonio dos. Integração Regional e Desenvolvimento Sustentável. 4ª. ed. atual. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. 188 p.

SCADPLUS. Acordo de Comércio, Desenvolvimento e Cooperação. Disponível em: <<http://europa.eu/scadplus/leg/pt/lvb/r12201.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2006.

SENES, Ricardo; BARBOSA, Alexandre de F. Estratégias e desafios do comércio exterior (VIII). Jornal Valor Econômico. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/portugues/imprensa/artigos/valoreconomico200605.asp>>. Acesso em: 07 nov. 2006.

SILVIA, César R Leite da; CARVALHO, Maria Auxiliadora de. Economia Internacional. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002. 300 p.

SILVIO, Mozart Fochete da. Relações Econômicas Internacionais. São Paulo: Aduaneiras, 1999. 248 p.

SISTEMA DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES DE COMÉRCIO EXTERIOR  
VIA INTERNET. AliceWeb. Disponível em:  
<<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/default.asp>>. Acesso em: 07 nov. 2006.

SOARES, Cláudio César. Introdução ao Comércio Exterior: Fundamentos Teóricos do Comércio Internacional. São Paulo: Saraiva, 2004. 256 p.

SOUTH AFRICAN INTERNATIONAL TRADE EXHIBITION. Disponível em:  
<<http://www.saitex.co.za/>>. Acesso em: 07 nov. 2006.

SOUTH AFRICAN: Reserve Bank. Disponível em:  
<<http://www.reservebank.co.za/>>. Acesso em: 07 nov. 2006.

SPECIALISED EXHIBITION. Disponível em: <<http://www.specialised.com/>>.  
Acesso em: 07 nov. 2006.

THE WORLD FACT BOOK: South África. Disponível em:  
<<http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/sf.html>>. Acesso em: 07 nov. 2006.